



JORNAL DE 2ª



JORNAL DE JUNDIAÍ,
Rua Barão de Jundiaí, 374/394
Nesta

JUNDIAÍ, 2 A 8 DE FEVEREIRO DE 1976
Nº 31 - CR\$ 2,00

ARQUIVAR

UM JUIZ PENSA NOS PRESOS

PAG. 8/9

O POVO PENSA NO BOULEVARD

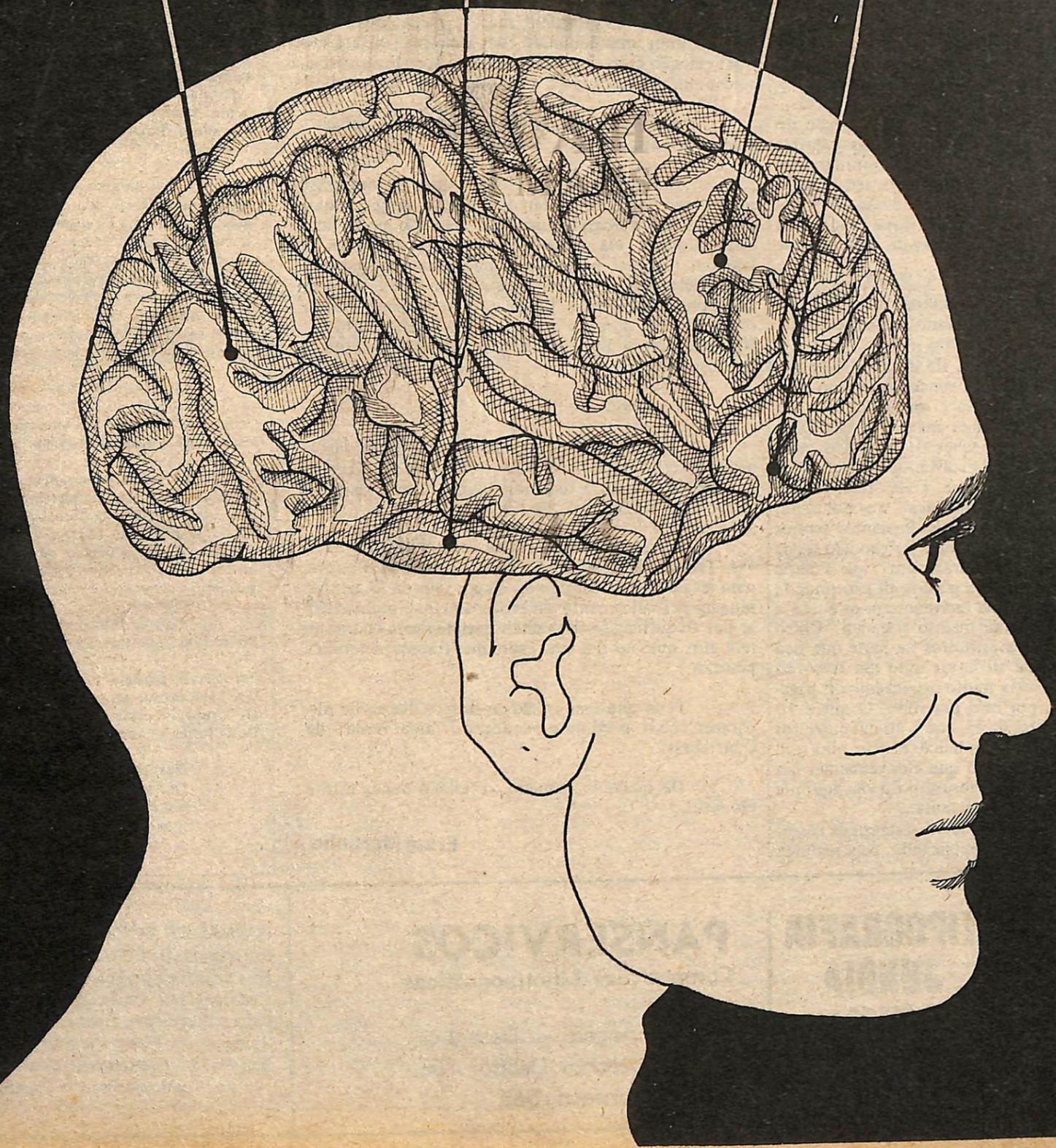
PAG. 10/11

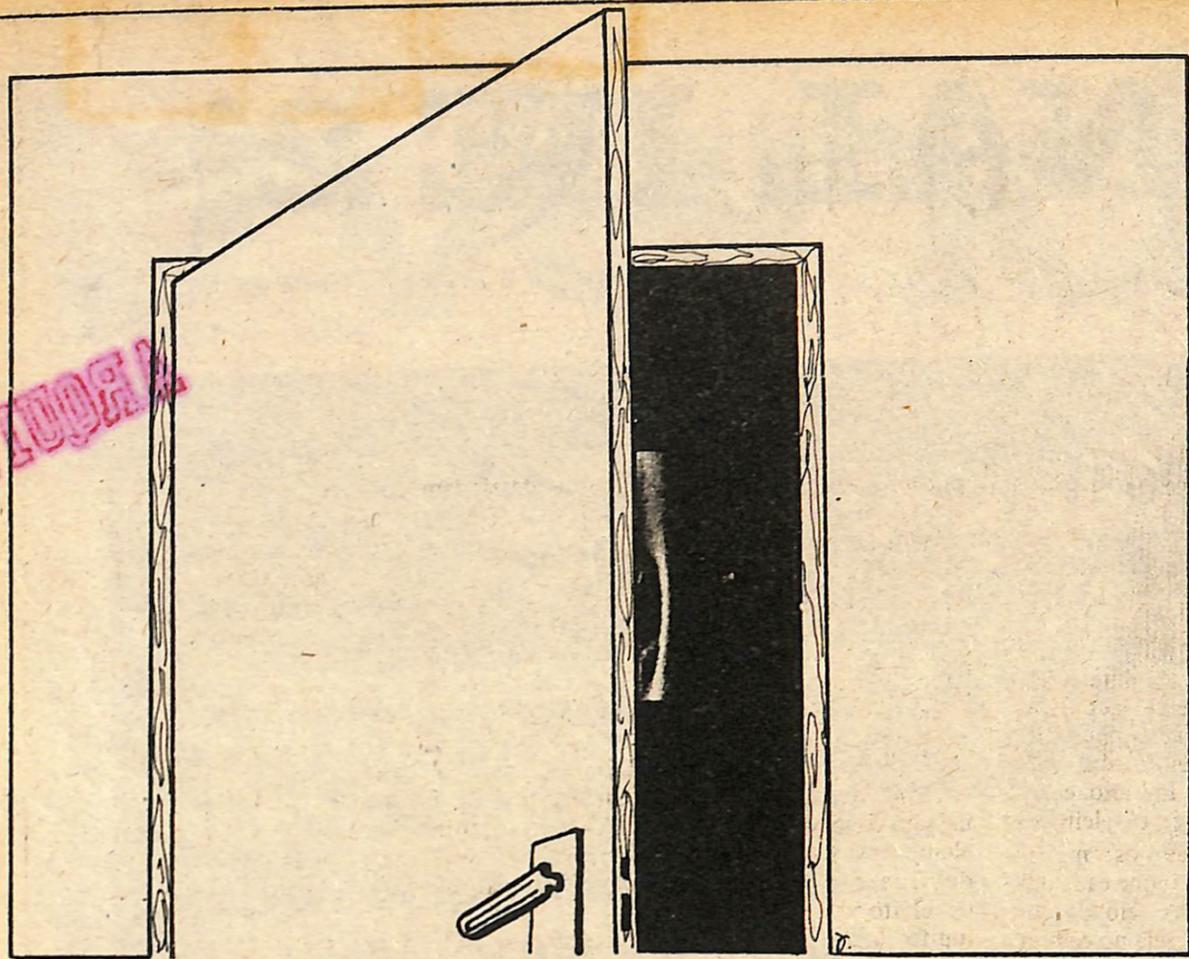
QUEM PENSA NO ESPORTE AMADOR?

PAG. 14

PAULO BRITO PENSA: "IRMÃOS EM QUE?"

PAG. 13





A visita da (velha?) senhora

A senhora entrou na redação perguntando se havia ali algum advogado. E diante da perplexa secretária foi retirando da bolsa de couro o número 29 do **Jornal de 2a.**, desdobrando-o, desamassando com a costa da mão a página 16, onde estava publicada a foto de uma indústria, tarjada pelo título: **Fora da lei.**

Não havia nenhum advogado na redação do jornal. Havia eu e a súbita recordação das palavras de minha querida Vó Maria: "Tu devias estudar para advogado, tens sempre respota pra tudo, seu diabo", pobre adorável mulher, cuja zanga se diluía em sorriso desde que uma boa explicação fosse dada para justificar qualquer malcriação, "Bom de bico é o que tu és".

Acabei atendendo à senhora, deixando claro que eu não era advogado, louvado seja, mas colocando-me à sua disposição.

— Sou amiga da viúva de Alexandre Saska, esse aqui (aponta o jornal) que vendeu o terreno para o Ibis e o Dr. Arnaldo Reis. Achei que devia ser feita alguma coisa em favor da minha amiga. Fui falar com ela, mas a coitada não quer saber de encrencas, nem quer que o nome dela seja envolvido em nada. Você deve fazer alguma coisa, eu disse, e ela "não, eu não quero meu nome metido em encrenca", que bobagem, encrenca foi o que fizeram com ela. Imagine o senhor que eles foram lá dizendo que aquele terreno não servia pra nada, que a prefeitura ia desapropriar, que a olaria do sr. Alexandre seria fechada porque ali não poderia funcionar. Tanto fizeram que convenceram os Saska a vender a propriedade. Sabe quanto pagaram? Cinco cruzeiros o metro. E dois cruzeiros na parte que fica perto da estrada, porque ali ia ser feito um trevo do DER, enfim, uma conversa muito explicadinha. E pagaram 10 mil cruzeiros por mês pra viúva. O que é 10 mil cruzeiros, hoje? Quer dizer, que é 10 mil cruzeiros perto... deixe ver, perto de um bilhão e meio, olha qui, um bilhão e meio foi o preço que eles venderam pra essa tal de Concrebrás. E um absurdo! Eu vim aqui pra ver se vocês podem fazer alguma coisa...

Expliquei à senhora que nós estávamos fazendo alguma coisa, Estávamos publicando, pela segunda

vez, nossa denúncia: era o que estava ao nosso alcance, como jornal. E senti na expressão da senhora, como fica impotente qualquer esforço, mesmo o bem fundamentado, quando ninguém mais se mexe, quando as pessoas lêem uma denúncia com a mesma (ou até menor) emoção com que lêem a coluna social, ou o abalroamento do fusca pelo caminhão que "se evadiu".

A senhora parece ter lido meu pensamento e deu-nos o seu apoio.

— Eu entendo. Mas acho que alguma coisa precisa ser feita. Vou falar com minha amiga, vamos procurar um advogado, um juiz. Isso não pode ficar assim. Coitada, ela não quer se envolver, não quer falar com o jornal porque não quer que publiquem o nome dela. Ah, se eu estivesse na pela dele... Alguma coisa precisa ser feita. Bom, eu vou andando. Muito obrigado pela atenção e desculpe, mas estou furiosa. Ninguém tem o direito de abusar tanto das pessoas, é um absurdo!

E a senhora se foi.

Que idade teria aquela senhora, cujo nome nem anotei? Cinquenta e cinco? Sessenta anos? Lembrei-me do artigo da semana passada, falando ironicamente das "forças vivas" de Jundiá.

E conclui: sim, existem verdadeiras forças vivas. Talvez apenas elas não usem distintivo na lapela, nem vivam travestidas de novos apóstolos da fé, nem se reunam periodicamente para tocar sinetas e premiarem-se por frequência, nem se valham de status para coonestarem atos que, ao fim e ao cabo, lhes trazem benefícios pessoais.

Pena que essa união só floresça diante de disparates como a compra-e-venda da "área verde" da Concrebrás.

De qualquer maneira, o terreno nunca esteve tão fértil.

Erazé Martinho



Andam falando por aí que uma endemia moderna está contagiando os "chupetas" lá na Prefeitura.

Chama-se pigalgia.

É uma doenzinha meio marota porque ataca os cujos por detraz. Não os deixa ler jornais, nem tomar café, nem laranjada, nem nada na postura costumeira, ou seja, sentadinhos e pachorrentos.

Apesar de ser infecto-contagiosa, (no seio deles), a pigalgia não faz mal nem tira o sono. Só um bocadinho de tédio, mais nada. É o tédio, via de regra, traz preguiça, e a preguiça faz bocejar. Será por isso, talvez, que vivem de boca aberta, sem saber o que fazer, mesmo porque, a bem dizer, de fato não tem nada o que fazer a não ser esperar pelo fim do mês.

Mas, voltando à pigalgia. Não se descobriu, ainda, um antidoto pra ela. Sabe-se, contudo, que já se tem preparada uma vacina profilática que está hibernando a fim de ser aplicada em fevereiro do ano que vem, concomitantemente com um defumadouro para que não paire no ambiente nenhuma pestilência.

Segundo o diagnóstico dos patologistas, a pigalgia não é bacteriana como a primeira vista se poderia pensar. É traumática. Simplesmente traumática. Foi constatado que as cadeiras da Prefeitura não são condizentes com o respectivo tipo de "trabalho". São assentos muito duros em confronto com a sensibilidades dos "chupetas".

Seu prefeito - dizem eles - precisa arrumar poltronas mais macias, pois que ainda lhes restam doze meses pela frente e a tal de pigalgia não se erradicará antes que se cumpra esse interregno. É bem verdade que a monotonia das horas vem sendo quebrada, ultimamente, pelas sucessivas trocas de palpites em torno de a quanto ascenderá o aumento a que fazem jús naquele projetozinho manhoso enroscado lá na igreja dos "miningildos". A expectativa os põe assim como que num estado sibirítico de ansiedade e controle imoderado.

Mas, tão logo seja o projeto aprovado e a "grana" liberada no cofre das mercês, voltarão de novo, os "chupetas" a sentir os sintomas característicos do "far niente", quer dizer, da pigalgia.

À título de terapêutica paliativa, a fim de que os "chupetas" não embolarem, sabe-se que os esculápios vem recomendando o **Jornal de 2a.**, como estimulante à madraça até que se libere as vacinas em fevereiro de 77. A leitura de nossas páginas no começo da semana os deixa ao par das burradas que o chefe anda fazendo e ficam irrequietos com medo de perder o côxo antes do tempo.

Não deixam de ter sua razão, porque, como lá diz o vulgo, se soltarem o diabo, tudo pode acontecer.

Por causa da pigalgia

Que os alcançou, um por um,
Os "chupetas" estão sentindo
Dores fortes no bum-bum.

Mas, são dores passageiras
Que não molestam ninguém,
Em melhorando as cadeiras
E os vencimentos também.

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAÑSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

JORNAL DE 2a. FEIRA
Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Carlos Veiga
Capa e Ilustrações: Décio Denardi
Composição: Tipografia e Off-Set "Popular" - Jundiá
Impressão: Departamento de Off-Set
do "Diário do Povo" - Campinas

O Prefeito e a Câmara

Já começam a ser iniciadas as demarches para a composição das chapas de vereadores.

Naturalmente os nomes vão surgindo e coordenados pelos candidatos a Prefeito ou pelos candidatos a candidatos, uma vez que a Convenção Municipal a se realizar no mês de agosto, competirá aprovar os nomes.

A Convenção Municipal compor-se-á dos membros do Diretório Municipal, do líder do partido na Câmara e de todos os vereadores pertencentes à legenda. Quando se der o fato de um vereador pertencer ao Diretório, votará duas vezes, como acontece com o líder.

Esses homens reunidos na data marcada no calendário eleitoral, após receberem as várias chapas, votarão e escolherão até três sublegendas para

Prefeito e Vice-Prefeito. O número de vagas para vereadores dependerá da votação na chapa de cada sublegenda, sendo o cálculo proporcional. Será permitido o número de inscrições em dobro, isto é, sendo a composição da Câmara com 17 vereadores, poderão disputar até 34 candidatos de cada partido.

Nessas condições, um candidato a Prefeito poderá contar com mais candidatos a vereadores em sua sublegenda que os demais.

Esse número de candidatos a vereador tem bastante significação no desenrolar da campanha, considerando-se que cada um sempre conta com certo reduto eleitoral e deverá trabalhar para o seu candidato a Prefeito. Embora sejam inúmeros os casos de deserção e no final se dê o grito de **salve-se quem puder**, o lógico é o tra-

balho do vereador para a sua sublegenda.

Daí a importância da escolha dos candidatos a vereador.

Infelizmente o que se tem presenciado é que o fator mais importante no conceito dos candidatos a Prefeito e aos partidos é o eleitoral. Escolhem-se os nomes pela posição que cada um desfruta no seio da comunidade, seja no campo profissional ou de liderança de vilas e bairros.

Na opinião de quase todos os candidatos a Prefeito, o que interessa é contar em sua chapa com homens capazes de somar votos, jamais se contando em formar com homens capazes de bem desempenhar os mandatos, constituindo uma boa Câmara Municipal. Essa, a dura realidade.

Exceções há sem-

pre e felizmente consegue-se aliar pessoas com qualidades pessoais e eleitorais. Mas, se contam os legislativos com bons elementos, podem estar certos de que houve muita luta entre os candidatos a prefeito e os dirigentes partidários.

O ideal puro e simples de selecionar os melhores elementos sob o ponto de vista que não apenas o eleitoral está ainda muito longe de ser alcançado. E convenhamos, a história está bem presente para nos demonstrar que só honradez, ilustração e capacidade de trabalho e bem ainda amor à terra, absolutamente não são suficientes para eleger ninguém. Quase sempre estão nessa faixa os grandes perdedores de eleições.

Está claro que os fatos se sucedendo, vamos verificar o afastamento do processo daqueles que desprezencio-

samente desejariam contribuir para o bem estar de sua comunidade.

E aqui vem a participação inegável dos eleitores que não se interessam muito pelas eleições proporcionais. Os eleitores como pouco se interessam pelas eleições a deputados, da mesma forma se comportam na escolha de vereadores. Não votam naquele desejo de colocar um representante à altura que reúna condições de preparo e civismo a serviço de sua cidade e que sejam homens suficientemente preparados e independentes para dizerem **sim** quando necessário ao seu povo e **não** quando preciso para opor barreiras a inescrupulosos.

Não vai aqui a intenção de deixar ao eleitor toda a responsabilidade na seleção. Mas já que os partidos apresentam muito nomes ao eleitorado, seria muito

bom que nos dias que antecedem o 15 de novembro, se fosse dado o trabalho de perguntar, verificar e decidir com vistas ao interesse público e não ao particular, quando se vota por gratidão, parentesco, comprado ou interesses.

E a composição de uma Câmara Municipal bem considerando é mais importante que a do próprio Prefeito que, sendo uma só pessoa, está sujeito a fazer muita besteira. O legislativo composto de homens que tenham à sua frente os interesses da cidade e realmente capazes de estudar e decidir, terão condições de se preciso for, segurar qualquer administrador, por mais valente que seja e por mais "dinâmico" que se apresente.

Virgilio Torricelli

O Prefeito quer que a Arena feche a questão a favor de seu projeto

O prefeito Ibis Cruz solicitou à Comissão Executiva da Arena que convoque o diretório com o intuito de que se "feche questão" a favor da aprovação do projeto de lei que dispõe sobre a reclassificação e aumento dos vencimentos do funcionalismo, cria novos cargos e dá outras providências de caráter funcional.

O leitor, menos versado em assuntos de ordem partidária, por certo não entendeu bem o que seja "questão fechada" em torno de um projeto de lei. Eis porque, no bojo destes comentários, nos propomos a uma sucinta explicação sobre esse dispositivo compreendido num dos artigos da Lei Orgânica dos Partidos Políticos. Diz a lei que quando em discussão e aprovação da Câmara

Municipal, (caso local) a peça representativa interesse partidário pode o diretório reunir-se e declarar "questão fechada" em virtude do que os vereadores da bancada estarão terminantemente proibidos de se pronunciar ou votar contra, ou a favor, conforme o deliberado.

Trata-se, como se vê, de um dispositivo truculento e anti-democrático, porque impede o edil de pensar e de agir de motu-próprio, e esbulha, além do mais, a sua soberania.

Entretanto, lei é lei, muito embora não escape à percepção dos observados que, no caso vertente, o interesse partidário inexistente e disfarçadamente o prefeito age "pro domo sua".

Pelo que se infere

do parecer do assessor jurídico da Câmara e da própria opinião dos vereadores manifestada "a priori", o projeto é um anincéfalo, eivado de vícios e de erros de palmatória enfeixados nos seus 73 artigos de redação claudicante e sibilina. Atentemos ao que diz o assessor à certa altura do parecer: "A despeito dos inegáveis propósitos do chefe do executivo sintetizados na justificativa de fls. 18/20, na busca da justiça e da verdade salarial, parece a esta assessoria jurídica, "data máxima venia", que a proposição sob exame contraria princípios comezinhos de direito administrativo de tal forma que sua aprovação pela colenda Câmara viria criar uma situação de perplexidade no funcionalismo público municipal com repercussões até no poder judiciário".

Como que, então, para buscar-se a "justiça e a verdade salarial", há que se vedar, primeiro, os olhos dos vereadores a fim de que sigam na treva, e teleguiados, os caminhos ínvios da tendência pessoal? Será o prefeito, porventura, como pretensão "magister dixit", o único interprete dos dispositivos do projeto?

O óbvio mostra que não.

Daí o absurdo de se pretender embotar a mente dos vereadores, para, com um tapa nos olhos, seguirem as diretrizes do executivo.

Eis porque, no nosso entender, o diretório da Arena não pode "fechar questão" relativamente ao projeto em apreço sem correr o risco de ser desobedecido por invadir seara alheia,

já que, o projeto é técnico e não político - pelo menos, confessavelmente.

Que se pronunciem, portanto, sobre ele, os técnicos e os versados. Jamais o diretório, se não quiser correr o risco de uma "gafe" por assáz desmoralizante.

Não se ignora, que no escalão maior do funcionalismo, correntes fortes operam no sentido de torpedear o projeto como nele se contém e declara. Certo é, outrossim, que em assim agindo defendem causa própria por força do que usam os defeitos flagrantes como uma espécie de boi de piranha para que a sua "vaca" atravesse incólume os meandros da resistência.

Até aí lícito é entender-se que o prefeito

não deve ceder às artimanhas oriundas do compadresco daqueles com os vereadores. Mas, deve assumir, sozinho, as responsabilidades consequentes, se não quiser, (como manda o bom senso), reexaminar a peça para os requeridos corretivos, naquilo que ela apresenta de excrescente.

Pretendendo, com artificialismos, cercar a liberdade de pensamento e de ação da Câmara, por intermédio do diretório da Arena, o prefeito, que pelos seus avanços e recuos no gerir da coisa pública não desfruta de um mínimo de confiança quer seja dos vereadores, quer seja de toda a comunidade, deixa bem à mostra o seu intento no sentido de que a edilidade venha a ser algemada para que não aperte os "tumores" do projeto. Conseguirá?

Elcio Vargas

Os bons imóveis estão aqui

Casas à venda

Assobradada - Rua Bela Vista
Muito bem conservada, contendo abrigo p/ carro grande, cozinha com armário embutido, 2 dormitórios grandes, dependências de empregada, quintal. Cr\$ 270.000,00 à vista. Quem oferece é **Recrelo Lar**.

Vianelo
Contendo 3 dormitórios, todos com armários embutidos, 2 banheiros completos, sala, copa, cozinha, garagem. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Vila Liberdade - Cr\$ 560.000,00
Estilo colonial, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suite), sala em "L", copa-cozinha com armário embutido, WC com lavabo, dependência de empregada completa, abrigo para 2 carros, lavanderia, jardim. Pode ser financiada. (C-12). Oferta: **Scarance e Souza**.

Avenida Dr. Cavalcanti
Ótimo ponto, contendo jardim, abrigo, sala, 2 dormitórios, cozinha, banheiro, despejo e quintal. Cr\$ 320.000,00 à vista. A oferta é de **Recrelo Lar**.

Anhangabaú - Cr\$ 450.000,00
Casa nova, com 3 dormitórios (1 suite), sala grande, copa-cozinha, WC, lavanderia, abrigo para 2 carros, terraço. Pode ser financiada. (C-4). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Casas e Apartamentos para alugar

Vianelo
Residência contendo 3 dormitórios com armários embutidos, 2 banheiros, completos, sala, copa, cozinha e garagem. Oferta: **A.G. Imóveis**

Apartamento para alugar
Dois apartamentos, no Centro, com 2 e 3 dormitórios e todas as dependências. Um dos apartamentos com garagem. Boa oferta de **A.G. Imóveis**.

VILA PROGRESSO
- Cr\$ 450.000,00

C/3 dormitórios, (1 suite), sala em "L", copa/cozinha, 2 W.C., dependência de empregada, lavanderia, abrigo jardim, totalmente isolada. (C-3). **Scarance e Souza** oferecem

VILA ANGÉLICA
- Cr\$ 400.000,00

C/3 dormitórios c/ armários embutidos, sala grande, copa/cozinha, W.C., dependência de empregada, abrigo para 2 carros, jardim, + telefone. (C-7). Oferta: **Scarance e Souza**.

Jardim Cica - Cr\$ 480.000,00
3 dormitórios com armários embutidos, sala grande, cozinha, WC, dependência de empregada e garagem. (C-9). Outra oferta **Scarance e Souza**.

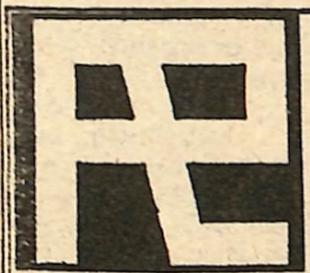
Chácara Urbana
Fina residência, com 3 dormitórios, com armários embutidos, e demais dependências. Quem oferece é **A.G. Imóveis**

Jardim Páteo do Colégio
Próxima à Chácara Urbana, contendo 3 dormitórios, 2 salas, 2 banheiros e demais dependências. Uma boa oferta **A.G. Imóveis**.

ANHANGABAÚ
Cr\$ 6.500,00
Finíssima residência, c/ 320 m², c/ 3 dormitórios, (1 suite), e demais dependências, c/ telefone. Oferta: **Scarance e Souza**.

Áreas Industriais à venda
Várias áreas a partir de 3.500 m², no Distrito Industrial. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Os bons corretores estão aqui



Recrelo Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiaí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

SCARANCE & SOUZA

Imobiliária e Administração
Rua Vigário, 174
Fones 4.1108-6.6136



Rua Senador Fonseca, 1.303
Fone 6.7638

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Feitos e Factos

Sem falsas modéstias acredito que poderei despertar no leitor amigo o interesse por esta coluna, que me proponho construir periodicamente para este interessante semanário, que muito me honra em me receber, coluna essa que aceitará sempre de bom grado a possibilidade de diálogo franco e aberto sobre qualquer tema proposto. Tenho em idéia, como forasteiro que ainda sou, e serei, levar a conhecer o "impacto" que a cidade e as redondezas de Jundiaí causaram em mim, e continuarão causando, apresentando as minhas impressões pessoais sobre aquilo que, de tudo que constitui essa cidade, vem vindo a se me fazer notado.

Sendo português de gema, nato na invicta cidade já há um bom par de anos, e tendo andado por África cerca de 5 anos, contarei também, de vez em quando, episódios que por lá tenha presenciado, levantando possíveis analogias, e levando conhecimentos da vida atual, nesta terra tão cheia de vivência, no dia a dia que passa.

Encontro-me no Brasil há pouco tempo e passados estes 8 meses sinto-me empurrado a integrar-me na sociedade diferente, no fundo bem igual, que por estas bandas vou encontrar, Sem muitas delongas e resumindo: sinto a história de nossos antepassados, tentando a melhor e mais rápida adaptação possível ao novo meio ambiente da terra que descobriram (!) atravessado que foi o grande mar.

Jundiaí! Cidade do Estado de São Paulo! Ao lado da via Anhanguera. Entrei, Aparência de burgo trabalhador. Ricos e pobres. Abundância e o nada. Contrastes, flagrantes como existem em todos os lados. Cidade rodeada de campo bem recheado de vinha boa. Bons ares também, ainda não contaminados. E passa o comboio. Saudando. Encontro-me num caminho que, da cidade vai dar ao Horto Florestal, e ao Bairro Corrupira. Existem chácaras bem grandes. Vi uma à venda. O filho dum lavrador passa por mim numa Brasília branca, bem boa, levantando atrás de si aquela nuvem de poeira. Vai para a cidade. Estudar. "Paquerar". Gozar os seus 20 anos. O caminho fica silencioso novamente. Aí vem um ciclista. É o senhor lavrador, pai do rapaz que passara há pouco, que na sua velha bicicleta, e com os seus já bastan-

te invernos, ainda não muitos, vai indo bem devagar, não sei para onde, trabalhar com certeza. Passa por mim cumprimentando-me afavelmente tirando o chapéu de palha. No seu rosto vejo franqueza, honestidade e experiência da vida. Lá mais adiante, vejo-o desmontar pois a subida é demais para as suas pernas.

Aparece a ponte. Muito movimento naquele viaduto, da estrada que vai para Campinas. Eu passo por baixo dela e fico-me no cruzamento onde espero "carona" de antemão combinada. Aparece-me um cão magricela, que me ladra com um tom esganiçado, não de cão de raça. Como é cedo ainda fico observando as redondezas. E reparo então: debaixo da ponte, ao lado das linhas do comboio, há uma construção de madeira bem esquisita! Transporte-me à África, onde negros viviam também em construções assim, apenas com os tetos de campim a se diferenciarem desta que estou vendo agora. São moradias modestas e miseráveis. Lá parecem duas crianças. E a mãe, provavelmente, surge atrás. De longe olham para mim inquisitivamente. Eu também os olho. As roupas, os cabelos, os olhos, a magreza dão-me a entender o desalento de vida em que devem viver. Deve ser bem duro viver assim. Aparece um automóvel. É um carrão, uma "banheira" como lá chamamos em Portugal. O "chauffeur" usa farda azul e o chapéu tem pala bem lustrosa. No assento de trás um senhor de meia idade, de fato de corte impecável, com camisa e gravata das boas também. Passam por mim em velocidade de carro grande, isto é, lenta, o que mais faz ainda realçar o carro demora mais tempo a passar. Ao passar sobre a ponte, o senhor do assento de trás, olha em direção contrária a daquela construção tão esquisita e triste onde dois catraios e uma mulher continuam observando. São ignoradas estas vidas e estas visões. Poderia ter sido casual o desvio do olhar.

A nuvem de poeira desfaz-se lá ao longe e volta o silêncio agradável do campo. Eu saboreio estes ares saudáveis. Estou vivendo em Jundiaí. Dentro em pouco, de carona, vou entrar na cidade propriamente dita. (E.P.)

N.R. - O autor é português, a ortografia por ele utilizada é a de seu país. Mas preferimos usar a brasileira para facilitar a leitura, exceto no título (Feitos e Factos).

Quem pergunta quer saber

Sr. Gostaria de saber porque os proventos das viúvas e dos aposentados pela FEPASA, são pagos, invariavelmente, com nove ou dez dias de atraso, quando o dinheiro das folhas de

pagamento já se encontra no Banco no primeiro dia do mês.

Esse dinheiro, penso eu, fica rendendo juros.

E esses juros, no caso,

prá quem ficam?

Gostaria que V.S. me informasse.

Maria Aparecida Leandro Góis.

N.R. Sua carta, leitora, chegou à mão muito cima da hora para que pudéssemos interpellar a Fepasa. Atenção, Fepasa: que responder. A página está à disposição.

Prêmio Amadeu Amaral

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, no uso das suas atribuições, resolvem, baixar o seguinte Regulamento para concessão do Prêmio Amadeu Amaral, destinado a comemorar o seu centenário de nascimento.

- 1) As monografias concorrentes devem versar sobre a contribuição de Amadeu Amaral aos estudos de folclore no Brasil.
- 2) Só serão considerados trabalhos inéditos e de estudo e interpretação, não divulgados por qualquer meio.
- 3) As monografias deverão apresentar um levantamento bio-bibliográfico mais amplo possível de

Amadeu Amaral, incluindo trabalhos publicados em jornais e revistas.

4) Os trabalhos devem ter um mínimo de 30 (trinta) folhas, tipo ofício, datilografadas a dois espaços, e vir assinados com pseudônimo, em envelope separado e opaco, sobescrito apenas com o pseudônimo do concorrente e o título do trabalho, o autor ou autores se identificarão com os nomes verdadeiros e endereços.

5) Exigem-se três vias; em caso de ilustrações, desde que não façam parte integrante do texto, bastará 1 (uma) via de cada.

6) Os originais devem ser entregues à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rua do Cateto n.º 179 - Rio de Janeiro/RJ., até dia 30 de setembro de 1976.

7) Não poderão parti-

cipar do Concurso os membros do Conselho Nacional de Folclore.

8) Os trabalhos serão julgados por uma Comissão de 3 (três) membros, dois convidados pelo Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e 1 (um) pelo Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. A qualidade de membro da Comissão Julgadora é incompatível com a de concorrente.

9) A Comissão Julgadora terá inteira liberdade para emitir seu Parecer, indicando a monografia merecedora do Prêmio ou opinando pela não concessão do Prêmio.

10) A monografia classificada a Campanha conferirá o Prêmio único e indivisível, de Cr\$ 20.000,00

(vinte mil cruzeiros).

11) A monografia premiada será publicada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

12) Só será considerado o nome do concorrente no Prêmio. Os originais dos demais trabalhos concorrentes ficarão à disposição dos autores.

13) O Prêmio será entregue no dia 6 de novembro de 1976, aniversário do nascimento de Amadeu Amaral.

José E. Mindlin
Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo

Bráulio do Nascimento
Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

O condescendente

Com a mudança pr'a vila, lucrámos no jeito da falação; cavaqueávamos com gente diferente, tirávamos dois dedos de prosa com pessoas que viviam diferente e que tinham profissão. Porque lavrador nunca foi profissão, lavrador não existe. Deitávamos falação e ouvíamos falação e no geral não entendíamos tudo o que se dizia e fazíamos uma mixórdia, as pacuêras cheias de palavras desconhecidas. Diriam hoje os entendidos:

— Problemas de comunicação oral...

Nosso vocabulário de roça era reduzido e carecia ser ampliado, ou não entenderíamos mais nada. A nossa salvação seria a vó, ledora de almanaques, sabichona de um tudo... mas ela tinha ficado na roça, fiel ao seu chão. Então, era ler também. Começamos. Mas cada vez que conseguíamos reunir as sílabas, o resultado era uma palavra desconhecida. Pior: inventávamos o significado.

Nossas primeiras letras foram as primeiras e únicas. Fessôra de roça, uma velha coisa ruim que vi-



nha de charrete todo dia. Primeiro e segundo ano. Só. Todos juntos numa salica só. Aquela alunaiada tudo junto naquela salica. E a fessôra sabia direitinho quem era do primeiro ano e quem era do segundo. Mas a lição era pr'a todos.

Alfabeto de analfabeto, cantado e decorado:

aaa-a, bêêê-bê, ceee-ce, dêêê-de, ééé-é, éfé-éfé... que o primeiro a era o a-grande e o segundo era o a-pequeno, b-grande, b-pequeno e ia por aí. Depois? Um bê cum a é ba, um bê cum é bé, um bê cum i bi... É ba, é bé, é bi, é bó, é bú.

Lembro bem. A Fessôra:

— Tiziu, recite o cê cum a:

Ela chamava todo mundo pelo apelido. Recitativo mais feio, o Tiziu ficava "vermeio"! Ocês já viram preto ficar "vermeio"? Tiziu ficava, no cê cum a. E a taboada? E, pior de tudo, a vara de marmelo? Os pais acoroçavam a Fessôra.

— S'ele num prendê, vara nele!

Não aprendíamos grande coisa. Quando muito uma soletração e "siná" o nome. Ainda hoje quando alguém me intima:

— Qué siná, qui, faz favor? - lembro da Fessôra e diligentemente "carco" o dedo na "morfada" de tinta...

Meceis se lembrarão da cartilha da "Amélia chupa bala" com as caricaturas de Belmonte, coisa mais linda? Eu ainda tenho a tal cartilha e como era recitada em conjunto - primeiro e segundo anos tudo junto - eu ainda a sei de cór e salteado. Mas ler não sei não senhor. Conto minhas estórias e a fia do meio escreve...

E por tudo isto, quando "vinhémo" pr'a vila carecia "prestá mûta tenção" e mesmo assim a gente ficava devendo... Lembro que duma feita Faustão cavaqueava com o Fessô Raimundo; e não sei a mó de que, Fessô Raimundo, referindo-se ao cidadão-

assunto da conversa, perguntou:

— Quer dizer qu'el'era condescendente? Faustão entalou. Não se deu por vencido e respondeu:

— Bão, qué dizê, sem dente el'era sim. Mais conde, agaranto que não...

— Faustão, ocê trapaíô tudo...

Fessô Raimundo, quando precisava, falava no dialeto, a móde se fazê comprê-dê.

— Faustão, ocê num é músico?

— Sô... bão, qué dizê, quero sê...

— Intão percisa prendê a falá. Tem que, pelo menos, entender o que se fala. Vamo começá?

E começaram. Faustão, meu pai o resto da família. Estranho jeito este de

ensinar: Primeiro a música, depois a fala... E voltámos a soletrar, todos menos eu, que não era dado àquelas lordezas. Tinha coisa mais linda do que ser como o Nêgo Zimbo, "anarfabeto da Silva?"

E o aprendizado continuava. Dizia Faustão:

— Se eu ia lá em Sã Palo...

E o Fessô, corrigindo pacencioso:

— Se eu fosses. Quand'ocê vai aprendê a dizer São Paulo? Repita!

— S'eu, isse...

— Como é?

— S'eu vasse...

— Barbaridade! Aprendizado duro. Mas eles aprende-

ram. Depois eu conto o fim. Tem fim?

O Bartimeu

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666

MUDANÇA?

IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR
1000 100
FONES: 4-9229 - 6-5086

ADVOCACIA

Dr. André Bonassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4-3899

JUNDIAI-SP

NOVIDADES

Charme
CALÇADOS/
ROQUIO 626

ANO NOVO
COLORIDO
SILVATEX

BARÃO, 919
TELEFONE
6-7178

aberto até às 4:00 hs.
PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Arabes
rosário 239 - 4-2669

K IBE
ADI

LAGO AZUL



KM. 72 VIA ANHANGUERA

LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

TER vai montar Ibsen

O TER vai encenar Ibsen. Para isso, todo o elenco está se reunindo periodicamente no teatro do Colégio Rosa com o coordenador do grupo, o professor Ulisses Nutti Moreira. A peça é "Um Inimigo do Povo", de Henrich Ibsen, que trata do problema da poluição em uma estância hidromineral.

O principal objetivo nessa montagem, segundo Ulisses, é a

participação no festival de teatro amador que provavelmente haverá ainda este ano em Jundiá. Até o final de abril, a montagem deverá estar concluída.

A história se passa na Noruega, onde um médico da estância descobre a poluição. Porém, ele é irmão do prefeito e quando quis denunciar o problema, a ira da população local voltou-se contra si,

por óbvios motivos econômicos, já que o movimento de turistas iria diminuir.

A encenação no TER vai procurar deslocar o problema para cá, sem fugir demais da realidade sócio-histórica de seu lugar de origem. Para isso, todo o elenco, constituído por alunos do colégio, foi orientado no sentido de conhecer o povo norueguês para uma interpretação de maior veracidade.



No TER, o preparo para encenar Ibsen



Ariovaldo: carinho para o público

Neste mês, a nova diretoria

Ainda neste mês serão realizadas as eleições para a nova diretoria do TER. O atual presidente, José Ariovaldo Figueiredo (aluno do 3a. ano do curso Técnico de Publicidade) afirmou estar satisfeito com o que conseguiu realizar, a despeito das dificuldades de todo grupo de teatro amador.

"Inicialmente disse o presidente - es-

quematizamos todas as atividades e demos atribuições aos integrantes do TER através de novas funções. Atualmente se encontra em fase de montagem uma sátira à televisão, ainda sem nome, de Gilmar Tadeu Zezza".

A mais importante conquista, para ele, foi o impulso que conseguiram dar ao grupo, que se proje-

tuou individualmente em meio a outros que surgiram principalmente nos meios estudantis.

Como presidente do TER, Ariovaldo disse que foi "uma experiência sensacional. Não é fácil liderar um grupo de 50 elementos promover a festa de aniversário da escola, do TER e ainda o festival de monólogos".

Além disso, mon-

taram a peça "Viva o Amor" e começaram a trabalhar na montagem de "Um Anjo em Minha Cama", numa atividade ininterrupta, mesmo no período de férias escolares. Talvez por essa movimentação, Ariovaldo prefira a renovação da diretoria do TER, apesar de ter gostado da experiência.

Sobre o público de teatro, ele é da opinião que existe na cidade, mas como não está acostumado, "é preciso tratá-lo com carinho, até se habituar".



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

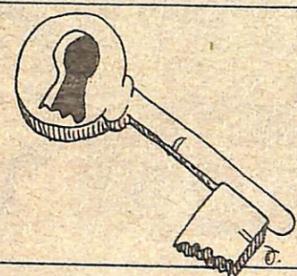
ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
ABERTO TAMBEM AS SEGUNDAS FEIRAS

FRANGO FRITO FEITO PELO

PROCESSO *CHICKEN-IN*

AV. ANTONIO SEGRE, 504



Excursões ABITE TURISMO

DISNEWORLD — MIAMI — BAHAMAS

COMPRAS EM MANAUS

BAHIA DE TODOS OS ORIXÁS

BUENOS AIRES — MAR DEL PLATA

CATARATAS DO IGUAÇU

INFORMAÇÕES FONES: 6.1530 - 4.3922

R. ROSÁRIO, 585

LEIA e ASSINE o JORNAL DE 2ª

boutique

Bymboka

rotário 465

fone 42633

CONCERTOS
DE
TV, RÁDIOS
E TAPES
ELETRÔNICA
ANZOLIN

rua marechal 533
telefone: 6.7683

O regabofe



Queiram desculpar, senhoras e senhores, mas o Assessor está de volta. Paciência. Mas é que há um fogo tão cerrado contra a Administração, que ele precisa se desdobrar em horas extras para explicar as cocias. Deixemos que ele cumpra a missão, e vamos ouvi-lo, sem preconceitos. Hoje, seu tema é a gastronomia.

— Sr. Assessor, o que o traz aqui?

— O spaghetti, meu caro repórter.

— O sr. pretende falar sobre a contaminação do macarrão?

— Não seja idiota, meu caro repórter. Estou aqui, como sempre, para demolir as aleivosas.

— Aleivosas, o sr. quer dizer, não é?

— E pare de me corrigir! Que falta de respeito! Estou aqui porque, a oposição, como sempre desinformada, andou dizendo que se gasta muito em almoços e jantares ovíparos.

— Opíparos. Mas e então?

— Então o que acontece é o seguinte: com base nas pesquisas da Cozinha da Cláudia, nos técnicos chegaram a conclusão que a melhor maneira de discutir os problemas da população é com a barriga cheia. Então, estamos elaborando um projeto para dar um caráter oficial a isso que chamam de comilança.

— Caráter Oficial? Como assim?

— Pois bem. Contrataremos uma equipe de nutricionistas para elaborar um plano estabelecendo uma correlação entre o prato do dia e o assunto administrativo a ser tratado.

— Hein?

— Isso mesmo. Com base nesses estudos, organizaremos um cardápio de manjares e quitutes que teremos prazer em oferecer às pessoas certas, no momento certo, no lugar certo.

— Continuo não entendendo.

— Por exemplo: se a equipe de nutricionistas concluir que para falar sobre pavimentação de ruas vai bem um prato de gnocchi com frango, nosso cardápio determinará a correlação: pavimentação, gnocchi com frango. Nosso convidado então ganhará um belo prato de gnocchi com frango. Entendido? Se o assunto for educação, poderemos servir a ele uma leve sopinha de letras. Didático, não?

— Interessante, mas quem paga essas comilanças?

— Será aberto um crédito especial, sob a rubrica **despesas administrativas**. O projeto será enviado à Câmara quando acabar o recesso.

— E se a Câmara rejeitar o projeto?

— A Câmara vai aprovar o projeto

— Mas como o senhor pode ter tanta certeza?

— Vamos oferecer à Câmara um bom rebagofo.

— Regabofe, não é, sr. Assessor? Mas e se os camaristas estiverem bem jantados e resolverem rejeitar o projeto?

— Meu amigo, quem é que resiste a um belo camarão com arroz à grega, acompanhado de vinho branco gelado?

— Pode ser que haja alguém no plenário sem apetite, não lhe parece? Talvez alguém sofra de azia ou má digestão naquele dia.

— Para esses casos, providenciaremos magnésia bisurada. É tiro e queda.

— Então o sr. está mesmo confiante no plano gastronômico, não é, sr. Assessor?

— Totalmente. Assim, com tudo oficializado, vão parar de falar que estamos gastando muito dinheiro em comida. Gastaremos mais, é certo, mas gastaremos cientificamente. Estamos na era tecnológica, e precisamos fazer tudo dentro de planos e projetos. Nada mais de empiricismo.

— Tecnológica e empirismo, sr. Assessor. Mais algum esclarecimento?

— Não apenas um convite. Aceita um capeletti à bolognesa?

Sandro Vaia

Plantão



I (Minha homenagem aos 422 anos de São Paulo)

Éramos três. Voltando do aeroporto, pelo asfalto que convida a correr, na 23 de Maio, notamos o poste vergado, no meio do canteiro, e o carro atravessando na pista. Nas proximidades, muitos outros carros parados e, pelos menos, vinte pessoas.

Parei. Era um Opala, quase cortado ao meio. Em volta, as pessoas comentavam o acidente, diziam que o motorista vinha "no mínimo a uns 120 por hora".

O Carro, de fato, sofrera muito com o impacto, suficientemente forte para pôr um posto no chão.

Os comentários continuavam. Fazia uns 25 minutos que havia acontecido o acidente, por aí...

Rodeei o carro, achei estranho os vidros dianteiros estarem intactos, apesar do choque. E foi por me aproximar mais, para ver esses vidros mais de perto, que descobri: o motorista está ali, há uns 25 minutos como comentavam as pessoas. Logo percebi que ele arfava, estava vivo!

As pessoas impassíveis tentam, inutilmente, convencer-me, e a meus dois amigos, para não interferir em nada, para não mexer em nada, "para não se meter em complicações". Enquanto as pessoas falam, cada um de nós faz alguma coisa: um termina de abrir o porta-malas e retirar o macaco; outro arrebenta os vidros com o macaco; outro abre a porta do carro. Juntos, retiramos o motorista. Vinte e cinco, 30 anos? Não dá para adivinhar, o sangue lhe cobre muito o rosto.

Um de meus amigos faz sinal para uma ambulância que, casualmente, vai passando por ali. As pessoas em volta continuam a nos olhar assustadas, como se fossemos de outro planeta. Ouço um comentário: "quem serão estes caras? Devem ser alguma coisa para fazer o que estão fazendo..."

O motorista da ambulância não quer levar o ferido ao hospital mais próximo: "como vou saber se ele paga INPS"? Discutimos com ele. Relutante, o motorista concorda: colocamos o ferido na maca, lá atrás, e a ambulância parte com a sirena ligada.

As pessoas continuam comentando: "devem ser do Governo"; "não, acho que são da Polícia".

O ferido entre no Hospital São Paulo. Mas não resiste. O que é triste para nós três.

E nós três fomos embora, descobrindo que nessa cidade quem ajuda os outros é visto como um ser do outro mundo.

II (Minha homenagem aos 411 anos do Rio de Janeiro)

Na semana passada, eu comentava o caso das diversas antas que pululam por vários bairros e cidades, levantando-se - iradas - quanto ao tema de uma certa novela que cuida da podridão habitante em um prédio de apartamentos.

Falava eu da perda de tempo com essa discussão estéril, já que a vida real suplanta - e como! - tudo aquilo que indigna as antas com falta de que fazer.

Há poucos dias, na cidade tida como maravilhosa, descobriu-se uma mulher morta, dentro de seu apartamento em um prédio - tido como não muito "recomendável" - na rua Barata Ribeiro.

Pois é. A mulher, que mora num desses prédios cuja telenovelação tanto furor causa a certas antas, morreu e ninguém percebeu. Como não pagava aluguel durante seis meses, a imobiliária entrou com uma ação de despejo. Assim, na semana passada, o competente oficial de justiça foi lá, arrombou a porta e... a mulher estava lá, estirada sobre a cama, seca de uma forma que os legistas, até agora, só explicaram como inanição.

Morreu à mingua. Ninguém percebeu. Ninguém ligou. Ninguém chorou. ("Aliás, aqui ninguém chora há muito tempo", comentaria o porteiro do prédio). E seu corpo lá ficou por seis meses! Com a palavra, as antas furibundas.

Percival de Souza



Boulevard romantista

Com o intuito de despertar o interesse de todos para o problema da falta de verde em nossa cidade e retirar do ar já poluído o monóxido de carbono, a Comissão Municipal de Trânsito decidiu transformar a rua Barão de Jundiá, no trecho compreendido desde a praça Governador até a rua Siqueira de Moraes, em um boulevard. Com jardineiras no leito da via, algumas lanchonetes, iluminação especial, música, o presidente da Comutran (no momento Leme do Prado) pretende despertar a sensibilidade das pessoas - a maioria tensa e nervosa fazendo

com
tas m
os id
plesm
sam
quilid
sear
o inc
forma
da Co
forma
tráfeg
cional

"Realmente eu acho que é uma ótima idéia o fechamento da rua Barão de Jundiá para o trânsito, porque o jundiáense precisa se conscientizar que mora numa grande cidade, e em toda grande cidade existem determinadas ruas que são reservadas exclusivamente para os pedestres", afirma José Salim Amano, sub-gerente do Banco Mercantil de São Paulo.

"A rua Barão de Jundiá, é uma rua estritamente comercial, por este motivo é interessante que se feche para os veículos. O pedestre terá oportunidade de passear e admirar coisas diferen-

tes, que muitos talvez até desconhecem; vai ter oportunidade de admirar as vitrines, enfim, poderá passear sem se preocupar em ser atropelado, e com o trânsito de veículo.

"A questão de segurança para os bancos não será afetada pelo contrário, o assaltante terá que vir à pé, o que vai dificultar seu trabalho. O nosso banco tem estacionamento para os clientes, que vai se tornar inútil, mesmo assim apesar de certo desconforto é interessante fechar a Barão experimentalmente para o trânsito de veículos, ficando somente para os pedestres".

"Eu tenho acompanhado os jornais a respeito do que se quer fazer na cidade" diz Mário Pereira Lopes, advogado, com escritório no edifício Latorre. "Não se trata de nenhuma novidade, apenas para nós de Jundiá, que não temos ainda. Mas é muito válido principalmente aqui onde temos ruas muito estreitas. Daria um colorido muito especial para a nossa cidade".

"Acredito que não vai trazer prejuízo nenhum, pois quando se quer comprar uma mercadoria, ou se quer ir a determinado estabelecimento, a gente vai onde ele estiver. Sem movimento na rua Barão vai trazer mais pessoas

para o centro".

"O boulevard inclusive vai lembrar os velhos tempos de Jundiá, quando havia o Footting. Era uma concentração de pessoas na rua Barão e na Praça Governador Pedro de Toledo passeando. Era de sábado e domingo principalmente, não havia carros, como hoje que se pode passear longe da cidade. As moças ficavam pas-senado pela calçada da Paulicéia até a Eng. Monlevade mais ou menos e os rapazes ficavam nas ruas, pois eram fechadas aos poucos automóveis que existiam. Hoje não se vê mais namorados passeando à pé. O automóvel desumaniza bastante".

Ao ser abordado, o dono da Cantina Jundiáense, Sérgio Buchene, não soube o que vinha a ser um "boulevard". Depois de explicado, Sérgio diz que acredita que para os comerciantes não mudará muito.

"No momento não tenho uma certa previsão a respeito, vou aguardar o fechamento para ver o que acontece mais tarde. É uma novidade em Jundiá. Uns dizem que dá resultado, outros que não. A melhor maneira é fazer um teste. O único transtorno que vai causar é carga e descarga. Eu, por exemplo, tenho duas firmas. Uma aqui e outra no Anhangabaú, como haverá um horário certo para descarga haverá problemas para mim".

"Atualmente na rua Barão não tem estacionamento, não tem na Rangel nem na Rosário, portanto vai continuar quase igual. O que vai prejudicar, por exemplo, vai ser aos domingos, com pessoas que vêm de fora.



tem vários centros comerciais, não afetando uma XV de Novembro, que é exclusivamente rua de bancos. Aqui se se quer adquirir algo diferente é solução uma procura em outras praças. Isso acontece principalmente em matéria de roupa".

"O prefeito está querendo fazer o "boulevard" somente para mostrar que está fazendo alguma coisa para a cidade. Portanto simplesmente não vai funcionar. Somente resolveria se fosse estudado o uso das ruas para não congestionar as mesmas".

"Em São Paulo



O dono do Kibe-Kadi, na rua do Rosário Samir Kadi, acha que não vai atrapalhar meu negócio nem dos outros. É provisório o "boulevard". No entanto, Jundiá não comporta um, não está à altura. Tanto no centro como ao redor da cidade não tem estacionamento fácil. É necessário subir para vir ao centro. Tudo que se fizer na Barão afetará a rua do Rosário também. Mesmo aqui na praça tenho problema com estacionamento pequeno e não existe a cooperação dos guardas. Parando às vezes por

cinco minutos para apanhar um maço de cigarro, tomar um café, ou dar um copo de água para uma criança, eles autuam e não querem saber. Por exemplo, eu que sou proprietário tenho que descarregar mercadoria, já tenho problemas com os guardas".

"O povo de Jundiá frequenta pouco o centro da cidade, principalmente no tocante ao comércio. Normalmente tudo é comprado fora. Não temos um centro comercial adequado que possa transportar o movi-

mento para a cidade. Isso pela dificuldade de estacionamento e por falta de lojas especializadas. As poucas que temos não tem uma organização e sortimento necessário".

"Outra coisa, continuou, tudo quanto é banco está no centro, onde poderia haver mais lojas grandes, ou tudo que fosse preciso, para que houvesse um centro comercial melhor. Portanto só um trecho da Barão que é usado comercialmente".



"Eu acho que o "boulevard" é válido, fazer uma experiência para ver como o público reage", diz Mateo de Luca, sócio-proprietário da Madegeral. "no tocante à questão financeira para não ferir as empresas que se situam na cidade".

"Para os bancos pode ser que tenha até uma melhora, devido ao problema de estacionamento. Em Jundiá não existe mais uma área de estacionamento no centro, qualquer serviço que se tenha que fazer em banco de última hora obriga o estacionamento longe do centro, portanto não vai afetar muito o problema de serviço bancário".

"Tudo que se fizer de novo a respeito do comportamento humano tem que passar por uma experiência para verificar a sua validade

de confor
O compor
muda muit
região e a
da aprovaç
projeto".

"No
pode ser c
um lugar
pode traze
que é prog
exemplo a
Com o bo
como um
pode haver
ção. Inclu
há muito
no carro, d
o mesmo
po.

"Ass
for aprov
públicos p
esquema. T
reformulad
as lojas faz
público".

Como ataca a cidade

descubram no vento suave as notas do amor. Quer o professor que possam andar a vontade ou simplesmente descansar, que os casados possam fazer suas compras com mais tranqüilidade e que os namorados possam passar as noites dadas sem se preocupar com este trânsito. Pensando de uma noite romântica, o atual presidente do tran não estabeleceu ainda uma maneira de sanar o estrangulamento que o trânsito e nem os problemáticos estabelecimentos que deverão surgir em maior

número. Nem mesmo pensou o professor no comércio (que para ele é o maior beneficiado) e também das pessoas que vivem de estacionamentos, caso específico do Estacionamento Japi, que logicamente deverá fechar. Não pensou também na comodidade dos residentes em prédios de apartamentos, que ficarão impossibilitados de dirigir seu veículos até a porta do edifício; mas ainda, não terão lugares para deixar o carro. E se alguma pessoa vem a adoecer é precisa ser transportada durante uma madrugada chuvosa? E os prédios que possi-

velmente construam garagens?

Mesmo antes de aplicação de um período experimental, o professor já pensa em deixar o boulevard definitivamente e estendê-lo na medida do possível. Espera apenas que a Telesp termine o serviço de colocação de cabos telefônicos, que os engenheiros prometeram para o dia 5 de fevereiro. Depois disso, vem o boulevard.

Nas entrevistas abaixo, a opinião de pessoas que se utilizam da rua Barão quase que diariamente e as sugestões e críticas que já estão surgindo.

Carlos Puttini, advogado da CICA pensa que como experiência é válido. "Hoje os pedestres têm muita dificuldade. Há muito movimento, e um fluxo de automóveis indo e vindo. Não haverá o perigo de atropelamento. Outro dia aconteceu o atropelamento de um a senhora, o carro bateu na perna dela e quebrou."

"O movimento nos bancos, "continua Carlos não será afetado. A segurança das firmas não será afetada, pois sempre que se faz movimentos grandes são levados elementos de segurança. Uma pessoa que vem sacar de vinte milhões de cruzeiros para cima é acompanhada de um guarda ou de pessoa de sua confiança. Os particulares não movimentam quantias muito elevadas".



Passando por Jundiá, pois seu trabalho é como representante comercial, Waldir Soares, morador de Rio Claro, e cujo conhecimento é grande em todo interior paulista acha que não vai pegar direito o "boulevard", pois pode prejudicar o comércio, e prejudicando o comércio piora tudo. Como experiência é válido, principalmente em Jundiá, onde as ruas são estreitas. Quando tem um carro de cada lado já fica difícil de atravessar. Com tempo de chuva, ir aos bancos, farmácia ou loja é trabalhoso. Ribeirão Preto, São José do Rio Preto são cidades enormes, mas nem cogitaram ainda implantar um "boulevard", pois não comporta. Jundiá está no nível dessas cidades e o caso é o mesmo".

"Em Jundiá à noite não tem ninguém na cidade, e a diversão é só o cinema, se fechar a Barão então nem de carro ninguém estará no centro. No interior tem mais diversão e hotéis melhores. Se se estudasse algo para melhorar isso talvez fosse melhor sucedido o "boulevard".



Para o motorista de taxi Isig Tuno, cujo ponto é na Rosário, será dificultado um pouco o trabalho. "Os passageiros talvez diminuam. Mas como é meu ponto é na Rosário vou continuar no mesmo lugar".

Para o agente do Correio de Jundiá, Nelson Gomes o boulevard vai trazer muito transtorno para a agência e quanto ao carregamento e descarregamento de correspondência. "Na Padroeira já não é possível parar um caminhão e agora vai ser o mesmo problema na rua Barão".

O gerente do Banco do Estado de São Paulo, Antonio Fernando Santos Lacourt está nessa agência há um mês, por esse motivo ainda não se inteirou a respeito nas necessidades de Jundiá. "Para se opinar sobre o costume de uma cidade é preciso principalmente ser um cidadão da mesma. Eu assumi aqui dia 17 de dezembro ainda não deu tempo para participar e de ser uma peça a mais da engrenagem. Isso é muito mais reservado a vocês que são de terra ou outros que estão há mais tempo na cidade".

"O boulevard, é uma idéia nova, deve ser colocada em prática, para esperar o resultado final. Sendo uma oportunidade para testar coisas novas deverão ser feitas".

Antonio é de Salvador, Bahia, onde diz que existem várias ruas que estão fechadas "são as ruas transversais onde foram feitas calçadas para impedir os veículos facilitando aos pedestres. Antes de ir a Salvador estive no Rio de Janeiro, onde é famoso o "boulevard" nas ruas centrais. Lá o problema de estacionamento é muito grande. Os carros são colocados nas calçadas por falta de espaço. Na Bahia também".

O motorista de taxi, com ponto na praça Rui Barbosa, Antonio Di Stefano, acha que se fizerem um escoamento de tráfego bem feito para a saída, talvez não atrapalhe, "pois da outra vez que fecharam, nós ficamos entupidos sem poder sair. Acho que fica bonito colocar flores, mas acontece que o trânsito ficou entupido. Não adianta fechar para depois nós ficarmos um em cima do outro. Precisa-se pensar como poderemos ir para a Agapeama, Anhangabaú, por exemplo".

Anoel Batista de Souza, dono da doceira A Senzala acredita que não haverá problema no comércio. No momento ainda não tem uma opinião formada, pensa que primeiro deve haver uma experiência para se ver os resultados. "É difícil fazer uma previsão do que pode acontecer. Prefiro aguardar". "Aos moradores não vai afetar em nada, pois atualmente já não se pode estacionar. Tanto faz agora como depois".



O gerente do Banco Real, Telmo Godinho de Oliveira, acha que vai ser excelente. O estacionamento para os clientes não vai ser afetado porque de qualquer maneira quase ninguém pode estacionar na Barão. Vai solucionar muitos problemas como perigos para as crianças, para as pessoas na rua central.

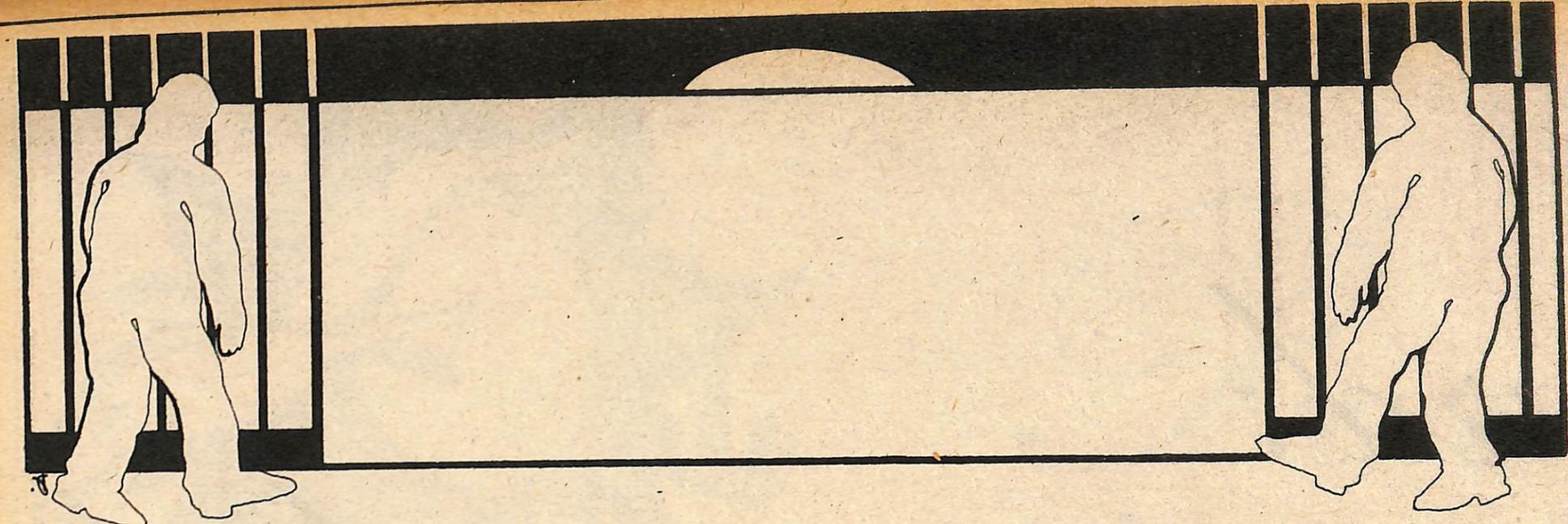
Telmo conhece outros "boulevard" em cidades como Curitiba, e acha que em Jundiá não há a possibilidade de se plantar flores, será apenas uma rua para pedestres.

O ex-diretor da Morando, Waldemar Figueiredo, que disse que não sabe muito a respeito do projeto do "boulevard", pois estava ausente da cidade por algum tempo, mas ouviu qualquer coisa a respeito. "Acho que é bom. Um local diferente do costumeiro em Jundiá. Funciona em outras cidades, deve funcionar aqui também. Não acredito que haverá problema na Barão e Rosário. Em Curitiba tem um "boulevard" que funciona perfeitamente bem para o comércio".

"Eu sou inteiramente favorável à experiência e apoiarei integralmente o sr. Prefeito na reunião do Clube dos Lojistas diz Osvaldo Marchi da Marchi-Jóias". O resultado ainda não sabemos". "É válido como experiência, só vamos saber do resultado depois de experimentado. Vai ser uma experiência de 30 dias."

"Eu sou contra fechar a rua Barão só, deveriam fechar todo o centro numa vez", diz Paulo Rodrigues Adolpho, advogado. "Não seria um boulevard, seria uma rua fechada simplesmente, pois as ruas são muito estreitas, talvez mais estreitas do que a rua Direita de São Paulo. Fechar somente a rua Barão trará um transtorno no tráfego. Abrir só na parte da manhã para carga e descarga, do comércio. Não vejo porque só numa rua. Principalmente em Jundiá que tem um péssimo escoamento para o trânsito. Isso só iria causar problemas para os moradores da redondeza, mas isso já é outro caso. O comércio não vai ser transtornado em nada".

Um morador da rua Barão, de família tradicional não quis dar seu nome apenas uma opinião. No seu modo de entender vai ser bom, pois o barulho é muito grande. "Aqui não se dorme, mesmo estando acostumado. Minha mãe, por exemplo que é de idade não pode nem atravessar a rua. A cidade vai ter um pouco de sossego".



Prisão - albergue: a cadeia de consciências

"O Conselho de Sentença declara o réu... culpado".

Antiga como o tribunal de Justiça, a frase ainda hoje é precedida de um "suspense" que o público - presente à sala de julgamento, ou na platéia de um cinema - continua a viver.

E uma vez pronunciada, ela marca, com maior ou menor força, o destino de alguém que roubou, espancou, matou, cometeu um delito grave, prescrito na lei dos homens.

Esse alguém, a quem o Júri condena, é também um homem. Que, a partir daí, se torna um condenado. Um homem a quem a sociedade pune com a reclusão, o desligamento do convívio de seus semelhantes. Alguém que, durante um período de tempo correspondente à gravidade da sua falta, irá ser chamado - para todos os efeitos - de "presidiário, detento, recluso". Uma pessoa que será privada dos direitos de "cidadão", que estará sujeita a rígida disciplina, que será vigiada durante as 24 horas dos monótonos dias que cumprirá de pena. Mas que continuará a ser um homem, um ser humano.

Como está sendo tratado esse ser humano que, apesar de delinquir, ainda é um ser humano? Devem

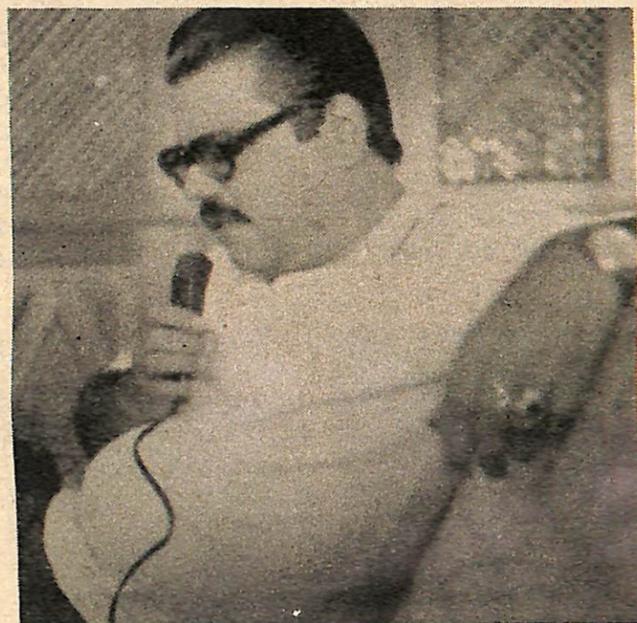
ser dadas a ele oportunidades de restabelecer contato com a sociedade contra a qual ele delinuiu? O Jornal de 2a. quis saber as respostas para essas perguntas.

E foi ouvir um Juiz, o homem a quem compete, ouvido o veredito, sentenciar por quanto tempo o infrator deve ficar distante da família, da comunidade.

O Dr. Antonio Amorim, Juiz de Direito da 3a. Vara, fala a respeito da condição do presidiário. Fala, também, dos planos que espera realizar em Jundiaí, em favor de um nova orientação dada pelo Secretário da Justiça do Estado. E, aos poucos, aquilo que deveria ser apenas uma tese, um ponto-de-vista, passa a ganhar aspectos de uma campanha, um chamamento, uma convocação.

Quem está sendo convocado pelo Dr. Amorim? Você, sua família, a comunidade. Para que? Para que Jundiaí, pioneira na política de dar condições mais humanas aos presidiários, ajude a resolver o sério problema de recuperação dos detentos, dos reclusos. De homens.

Dr. Amorim, quais são os planos referentes à questão dos reclusos, em Jundiaí?



"Nós estamos sentindo aqui em Jundiaí, co-de resto em todo o Estado, principalmente nas cadeias do Interior, que o problema do presidiário, a aplicação da pena ao recluso, ao detento, não está obedecendo àqueles dispositivos legais, àqueles dispositivos que regulam todo o direito penitenciário. Basta uma leitura aos noticiários para se perceber que o nosso sistema penitenciário ficou, assim, meio relegado às traças, durante muito tempo. O poder público realmente descuidou, durante muito tempo, do tratamento do presidiário, do tratamento das penitenciárias e agora se vê às voltas com um problema de difícil solução. A criminalidade, por diversos fatores, cresceu assustadoramente nos últimos anos. E todo o sistema carcerário se tornou insuficiente para o atendimento, a solução desse problema. Primeiro, pela superpopulação dos presídios, principalmente das cadeias do Interior. Em segundo lugar, pelas lastimáveis condições em que essas cadeias se encontram.

"Então, a pena - que não é aplicada à pessoa apenas como um retribuição de um mal, o pagamento de um mal com um outro mal, e que tem entre as suas finalidades principais a recuperação do indivíduo, o seu encaminhamento à vida social, enfim, a sua preparação para que ele possa se recuperar dos seus problemas e se readaptar à vida em sociedade, nessa parte a pena não vem atingindo ao seu objetivo. Na nossa lei penal ela é estabelecida com uma dupla finalidade: uma parte bem maior reeducativa. Tanto assim que se prevêm diversas medidas no sentido de que o recluso possa trabalhar dentro do presídio, possa receber uma orientação.

"Mas, na verdade, não há presídios em número suficiente e os que existem não têm, com poucas exceções, condições de propiciarem uma recuperação do cidadão. Nós ficamos, assim, num círculo vicioso: o cidadão comete um crime, é preso, recolhido a um presídio, ali ele vai se deteriorar mais um pouco

ainda, do ponto de vista moral, vai criar certos vícios que talvez ele ainda não tivesse, vai criar uma espécie de revolta pelo tratamento realmente desumano que é dado a ele na maior parte das nossas cadeias do Interior - por absoluta falta de condições de higiene, de segurança, enfim, de alguma coisa que realmente se pudesse conferir a um ser humano. Ora, ele sairá dali revoltado e, quase que fatalmente, volta a delinquir. Então, todos os anos que ele passou preso não serviram para nada. Ou serviram simplesmente para aprimorá-lo na escola do crime, para fazer dele um revoltado, um descrente do nosso sistemato, na maioria das vezes representando um perigo maior para a sociedade.

DEZ HOMENS ONDE CABEM CINCO

Para o Dr. Amorim, esses dois aspectos - da insuficiência de presídios e da má condição das cadeias existentes - devem ser tratados, desde já. Ele conta qual é a situação da cadeia de Jundiaí,

um exemplo que, feliz e infelizmente, não é privilégio da nossa cidade.

"O total abandono em que ficou a nossa cadeia pública, de parte das autoridades competentes pode ser verificado pelo fato de, só agora, depois de 4 ou mais anos de sua interdição, somente agora se está conseguindo a construção da nova cadeia. Nesse meio tempo nós somos obrigados, porque o crime ocorre a todo dia, somos obrigados a abrigar, em celas que seriam para 5 cinco pessoas, nove, dez, até doze pessoas, em condições absolutamente desumanas. Então, é indispensável que se tomem certas medidas para que, dentro um prazo razoável os dois problemas - da superpopulação carcerária e da falta de condições de readaptação, de orientação do recluso - se consigam evitar esses problemas. Uma das causas do aumento da criminalidade é o fato do ex-recluso sair da cadeia despreparado para a sua readaptação à vida em sociedade, nós sabemos disso. Esse aspecto da recupe-

ração é, para mim, o mais importante, aliás.

"Porque grande parte daqueles que hoje enfrentam as grades de uma cadeia são pessoas realmente despreparadas para a vida em sociedade, faltando, talvez por parte do poder público, do cidadão da comunidade, uma atenção maior a ele, uma educação, ou as diretrizes de como viver em sociedade, respeitar o seu próximo, respeitar a dignidade do homem".

O Dr. Amorim reconhece que o problema da falta de presídios é complexo, que sua solução será a longo prazo, apesar de realçar que o poder público vem, ultimamente, se dedicando mais efetivamente a esse aspecto do problema penitenciário.

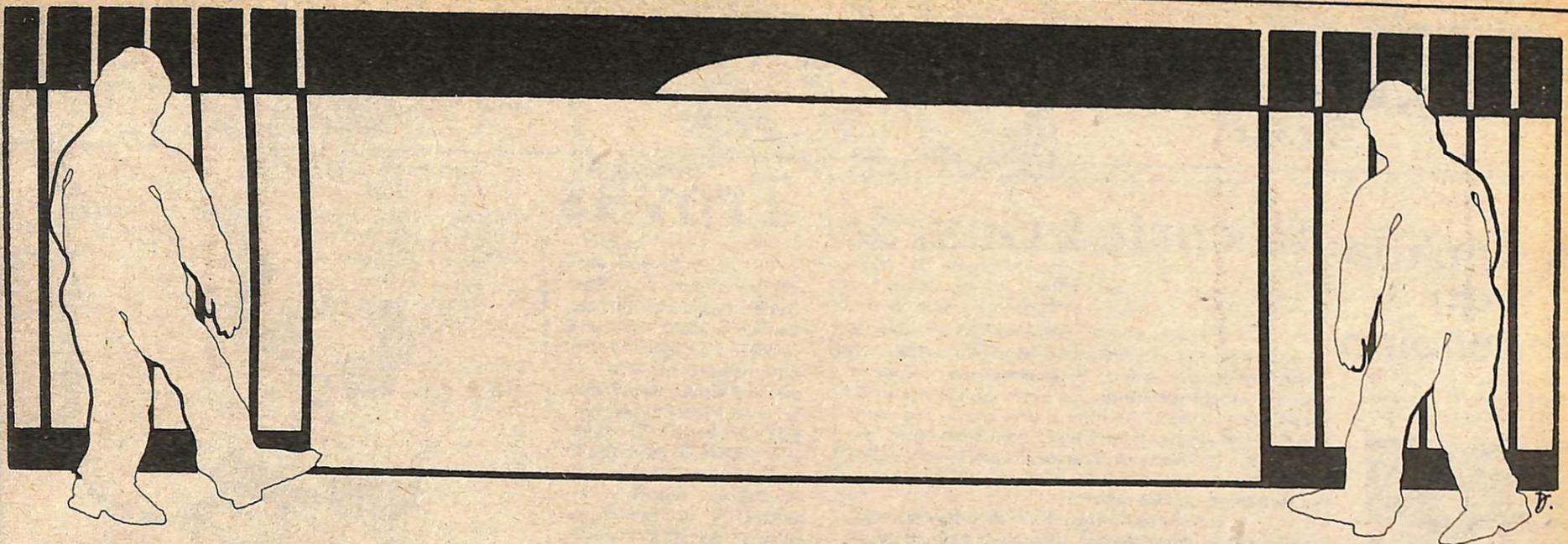
Mas reconhece que o problema da recuperação do presidiário, agravado pelas próprias dificuldades da resolução da questão de mais presídios, "é um problema atual, que precisa de solução rápida, não pode

aguardar esse longo prazo, todas as reformas que necessitam ser feitas: a reforma dos presídios, a reforma do sistema judiciário, a reforma do sistema carcerário, que vão demandar um longo tempo e estudos mais aprofundados. Por isso, devemos encontrar uma solução imediata - embora talvez não definitiva - mas que atenda a esses aspectos graves da falta de condições dos presídios existentes".

A PRISÃO-ALBERGUE

A ânsia em solucionar o problema não é apenas do Dr. Amorim. O Secretário da Justiça do Estado definiu, como política estadual, o regime das "prisões-albergues". Dr. Amorim explica o que, em síntese, essa medida proposta no âmbito estadual.

"Esse regime é novo, do ponto de vista de ser instituído em caráter oficial e foi estabelecido através de provimento do Tribunal de Justiça, tem cerca de 4 anos. E agora conta com a preocupação



do Secretário de Justiça, um Desembargador aposentado do TJ, pessoa afeita ao problema penitenciário, tomando a liderança no sentido de difundir o sistema de prisão-albergue em todo o Estado, como maneira de se solucionar o problema carcerário no Estado. Embora novo como medida oficial, esse sistema já existe officiosamente em algumas comarcas do Estado de São Paulo. E Jundiaí pode se orgulhar de ter sido uma das primeiras a se orgulhar da implantação desse sistema. Já em 1964, 65, se instituía aqui um tipo de prisão-albergue, em que alguns presos de melhor comportamento passavam o dia fora da cadeia, trabalhando no Fórum, num primeiro estágio, e posteriormente trabalhando em alguma indústria, alguma casa comercial. Foi, por assim dizer, um primeiro passo em direção ao sistema que, agora, está sendo adotado oficialmente em São Paulo pelo Tribunal de Justiça".

O regime de prisão-albergue consiste em permitir que o preso não tanto pelo crime praticado, ou pela pena imposta, mas pela sua personalidade, pela menor periculosidade que representa, pelas reais chances que ele revela em ser readaptado - seja retirado do convívio dos demais presos e seja colocado em regime de prisão-albergue, onde ele vai trabalhar durante o dia, para o sustento de sua família, ou para pagar a pena que lhe foi imposta (indenizar a vítima, se for o caso) e à noite ele se recolhe ao presídio.

"Foram criadas, ainda em decorrência da superpopulação carcerária, as chamadas Casas do Albergado", explica o Dr. Amorim, "casas que são consideradas prolongamento do presídio (em Jundiaí existe uma, na Rua Afonso Henrique, 78), onde o cidadão que está em regime de prisão-albergue se recolhe à noite, em lugar de recolher à cadeia. Ali, sob vigilância, ele passa a noite como se estivesse no xadrez".

Em Jundiaí, 9 reclusos em regime de prisão-albergue estão dormindo na Casa de Albergado. Além deles, mais 8 gozam dos benefícios do regime, embora se recolham à cadeia pública para dormir.

A capacidade atual da Casa do Albergado da Rua Afonso Henrique é para 18 presos.

"A casa é pequena, mas temos pretensões, este ano, de conseguir uma casa maior, para podermos tirar mais gente da cadeia e colocar na Casa do Albergado", diz o Dr. Amorim.

ALGUMAS DESVANTAGENS

Sabe-se que algumas críticas são feitas em relação à prisão-albergue. A principal delas é quanto ao critério de extensão desse sistema a presos que passaram por uma avaliação de certa forma subjetiva, ou pouco comprovada, em termos mais "científicos".

O entrevistado faz as suas considerações a respeito:

"Muita gente critica o sistema. Não seria, talvez, a solução ideal, porque muitos presos, por nos faltarem condições de apurar, realmente, a periculosidade de um ou de outro, muitos presos talvez fossem beneficiados com o regime indevidamente, ou sem terem condições para isso. Certamente isso pode acontecer. Mas a prisão-albergue é uma solução que, no momento atual, atende ao nosso problema. É um regime já aplicado em outros países e que vem tendo resultados satisfatórios na recuperação dos presos. Reafirmo não há interesse em se aplicar a pena a alguém apenas como retribuição. Há interesse, isso sim, em readaptá-lo, recolocá-lo no convívio social. O regime de prisão-albergue permite que se tire do convívio com presos irrecuperáveis talvez, aqueles presos primários, presos que cometem um crime por ímpeto, aqueles criminosos não-habituais,

aqueles que possam ter delinquido por uma condição social de momento, uma necessidade de momento, e que a sociedade não tem interesse nenhum em mantê-los na promiscuidade, no convívio com elementos mais perigosos. Sabemos, contudo, que ele é um recurso que temos, na atualidade, para suprir a deficiência do poder público, a falha do poder público no sistema penitenciário. Na verdade, nós estamos transferindo para a comunidade a responsabilidade de solucionar esse problema. E devemos reconhecer que se torna muito mais fácil a solução, se nós dividirmos essa solução entre determinadas pessoas".

Percebe-se, durante a exposição do Dr. Amorim, que ele acredita, realmente, no valor da tarefa comunitária. Com a igual convicção que ele tem na necessidade de readaptar um ser humano no convívio dessa comunidade - que, de certa forma, tem sua parcela de responsabilidade na existência dessa categoria de pessoas.

E ele fala com entusiasmo dos resultados já obtidos.

"Desde a instituição da Casa do Albergado, que é do tempo do Dr. Ademar Gomes da Silva, um fato pioneiro, bons resultados foram obtidos. Temos conseguido trabalho para vários presos, temos conseguido a readaptação relativa de muitos deles, já fizemos com que alguns cursos de alfabetização pela Tv 2 Cultura, outros cursaram várias escolas, inclusive um fez o Colégio Técnico com bom aproveitamento. Mas nos falta muito, ainda".

A COLABORAÇÃO DA COMUNIDADE

Embora pretenda uma maior colaboração por parte da comunidade, o Dr. Amorim revela que tem conseguido muitas colocações de presos em indústrias, os maiores colaboradores do Conselho Carcerário, da

Corregedoria dos Presídios de Jundiaí.

Mas ele quer mais, ele acha que o preso necessita de mais do que a simples condição de ganhar o sustento da sua família. Dr. Amorim pensa no homem que delinuiu, acima de tudo, por estar, mesmo antes do instante em que delinuiu, despreparado para viver em sociedade.

Mas reconhece a colaboração, especialmente, da indústria. E cita a EASA como a indústria que mais tem aberto oportunidades de trabalho para os presos-albergados.

Seu projeto, porém, vai além.

"Não adiante se tirar o cidadão que cumpre pena da cadeia. Ele é colocado em regime de prisão-albergue, arruma-se um emprego para ele e ele volta a ser aquele cidadão que era anteriormente: sem qualquer assistência, sem qualquer orientação. Ele certamente irá continuar com o mesmo estilo de vida e, possivelmente, voltará a delinquir, mais tarde.

"A complementação indispensável ao regime de prisão-albergue é a assistência para a reformulação do caráter do cidadão que delinuiu. Portanto, a par do emprego, a par da condição dele se manter e a sua família (que já é um problema sério, o recluso tem a preocupação constante com a família lá fora, sua mulher seus filhos. Tudo isso vai se juntando às condições desumanas do xadrez e vai deformando, cada vez mais o seu estado psicológico), além da possibilidade material que o emprego lhe dá, se não houver uma orientação a ele, ele continuará na vida que tinha antes.

"Nós pretendemos, este ano, conseguir a colaboração maior da comunidade, das pessoas que exercem liderança, que têm condições de influir na formação de alguém. Queremos conseguir dessas pessoas que deem um pouco do seu

trabalho, das suas horas, no sentido de contribuir para a formação, a reformulação da mente do cidadão que cumpre a prisão-albergue.

"Além da colaboração da indústria e do comércio, queremos que outros elementos da comunidade se convençam que devem dedicar uma parte do seu tempo para colaborar com o Conselho Carcerário. Dando um curso, uma reorientação, alfabetização, orientação moral, enfim alguma coisa que mostrasse ao cidadão que a comunidade precisa dele, que ele deve ser reintegrado. Da meios efetivos para essa reintegração, essa conscientização, que ele nunca teve.

CONVOCAÇÃO

Existem já, funcionando, um organismo que tem por função por em prática tudo quanto o Dr. Amorim pretende realizar: cursos, palestras, entrevistas, atendimentos médicos e dentário.

Mas pouca gente, quase ninguém vai a esse órgão alistar-se numa campanha que deveria nascer de consciência de cada um. Apenas alguns poucos abnegados tentam - muitas vezes até sem os recursos exigíveis - dar continuidade à tarefa da qual o regime de prisão-albergue é apenas um estágio.

Que entidade é essa? E que tipo de gente seria necessária para realizar, efetivamente, um trabalho capaz de readaptar o recluso em regime de prisão-albergue à comunidade?

Fala o Dr. Amorim: "Nós temos um órgão já criado para tratar diretamente desse problema. É o chamado Conselho Carcerário de Jundiaí. Mas ele, por motivos vários que não convém agora enumerar, ainda não atingiu plenamente as suas finalidades, apesar dos diversos elementos de boa vontade que o constituem e se dispõe a trabalhar. Mas

nós estamos seriamente imbuídos, neste ano em que a presidência do Conselho Carcerário cabe ao Dr. Paulo Leitão, promotor da 3a. Vara, de fazer o Conselho Carcerário mudar de figura. Queremos aglutinar, dentro do Conselho, não apenas pessoas que tenham tempo material para andar atrás das famílias dos presos e lhes dar uma assistência material, mas elementos de gabarito intelectual que pudessem, dentro de um programa que se organizaria, com educadores, com assistentes sociais, com advogados, um programa que pudesse, realmente, conscientizar o preso da sua condição de um homem que pertence a uma comunidade, que tem deveres para com ela, que tem direitos diante dela. Pessoas que ajudassem a restituir ao preso sua dignidade sua condição de ser humano.

"Muita gente pode dizer 'isso não é obrigação nossa, é obrigação do Estado, da União. Realmente é. Mas não adianta ficarmos teorizando a respeito de quem seria a obrigação, a competência da solução do problema, quando, na realidade, quem vai arcar com as consequências é a comunidade, a população.

"Temos esperança de que, com a colaboração de todas as forças vivas desta cidade, poderemos tomar a peito a solução desse problema, como já acontece em outras cidades. Será uma forma de diminuirmos o alto índice de criminalidade em Jundiaí.

"Quem se dispuser a colaborar conosco eu pediria que procurasse a mim, ou ao Dr. Paulo Leitão, porque pretendemos, agora no início do ano, marcar uma reunião reformular nossos planos para fazer, realmente, alguma coisa digna de Jundiaí".

A essa altura, o Dr. Amorim já não estava falando apenas com o repórter, mas principalmente com voce, leitor, a quem passamos a palavra. Ou a ação.

Célia

A Última do Brasileiro



Todas as charges reproduzidas no livro A Última do Brasileiro, de Ziraldo, apareceram no **Jornal do Brasil**, no período de junho de 1972 a junho de 1975.

Parafrazeando a "última do papagaio" ou a "última do português", essa coleção de charges, volume 3 da Coleção Edições do Pasquim da Editora Codecri, é um exemplo de quanto se pode falar mais com o desenho do que com as palavras. De fato, a crítica feita através de uma charge, chega mais depressa, vai direto, faz entender, de estalo, o que o caricaturista quer dizer.

O livro custa Cr\$ 20,00 e figura entre os dez mais vendidos, atualmente, em todo território nacional.

Recorte & Guarde

Platão
(427 AC. - 347 AC.)

Um dos maiores pensadores gregos, além de aristocrata abastado. Sua família, de ambos os lados, era das mais ilustres Atenas. Do lado materno, remontava, dizem, ao legislador Sólon. Era jovem quando Atenas foi derrotada. Atribuiu esse fato à democracia. Sua teoria política, posterior, foi a defesa de um aristocracia, que não era, nem hereditária, nem nobiliárquica, mas intelectual. "Os sábios", dizia, "deverão dirigir e governar, e, os ignorantes, deverão segui-los."

Sua primeira ambição, nos dias da Epístola VII, foi a política. Provavelmente, o seu pendor para a oposição e levou até Sócrates, que, apesar de apolítico, atraiu a simpatia dos opositores do governo do "Terror", que se apoderara de Atenas em 404 AC. O encontro com o velho sábio grego, foi algo decisivo em sua vida. "Dava graças aos deuses, por três coisas, primeiro, por ter nascido homem, e, não, mulher; grego, e, não, bárbaro; mas, sobretudo, por ter nascido no tempo de Sócrates. Nessa época, era um jovem corpulento e desportivo: ganhara dois prêmios nos jogos ístmicos. Sua vida tomou rumo inteiramente novo depois de condenação de Sócrates (399 AC.) Achou, então, que não havia mais lugar para uma consciência honesta na política. Como amigo de Sócrates, e, tendo feito tudo para salvá-lo, depois de sua morte passou a ser julgado como suspeito. Preferiu, por isto, exilar-se, com outros amigos, em Megara. Viajou, então, por várias regiões, detendo-se, com mais vagar, no Egito, na Itália, e, na Sicília, estas últimas, na época, colônias gregas. Estranhou a grosseira materialidade de vida existente na região. Já inteiramente dedicado ao estudo da Filosofia, volta, em 387 AC., para Atenas, onde funda sua célebre Academia, assim chamada por estar situada nos jardins do herói Academo. Essa notável instituição, destinava-se à pesquisa e ao estudo sistemático da Filosofia e das Ciências.

Presidiu-a até sua morte, aos 80 anos de idade. No campo científico, ficou conhecido pelo interesse que tinha pela matemática. Diz-se que havia escrito à entrada de sua Academia: "Aqui só entram os geométricos". O fato é que, os mais importantes trabalhos matemáticos do século IV AC., foram realizados por amigos ou discípulos de Platão.

Teéteto, o fundador da geometria sólida, era membro da Academia, como o eram, também, os primeiros estudiosos das seções cônicas. Teéteto aparece, como um jovem matemático, no diálogo de Platão que leva o seu nome.

Eudoxo de Cnido, autor da teoria das proporções, exposta nos Elementos, de Euclides, e, inventor do método de achar áreas e volumes de figuras curvilíneas, transferiu sua Escola de Cajoziás para Atenas, a fim de estabelecer melhor cooperação com Platão.

Trovas

Araife David é pseudônimo literário de Raife David. Nasceu em Taubaté, Est. de S. Paulo, no dia 8 de janeiro de 1907. Jornalista, poeta e trovador, começou a versar aos 17 anos de idade. Fundou, em Taubaté, o jornal "O Papagaio". Assíduo colaborador da imprensa paulista, reside em Taubaté, onde é representante de uma importante firma comercial carioca. São muito espirituosas as trovinhas de Araife David:

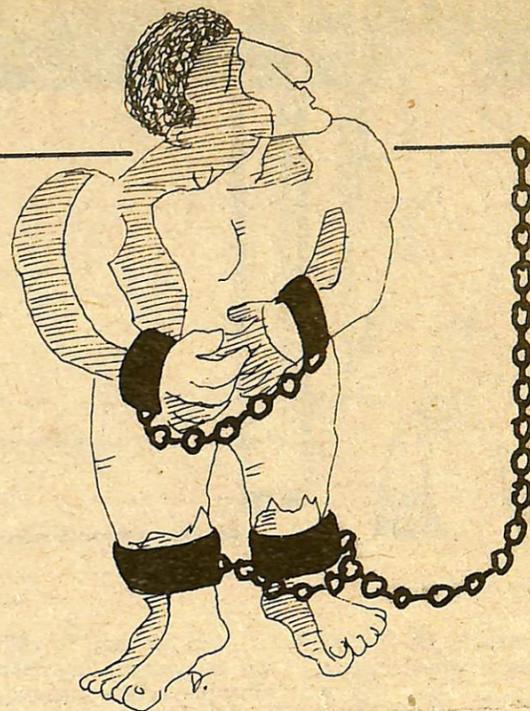
Quando te vejo, vizinha,
corpo bem feito a gingar,
eu lembro um violão que eu
tinha,
sem nunca poder tocar...

Sou cego por tanto amá-la,
você me guiou, não nego;
e alguém roubou-me a bengala,
sem ter piedade do cego...

Mas, em matéria de
espirituosidade, vai ser muito
difícil alguém fazer uma mel-
hor que esta:

Você diz que sabe tudo
Tem gente que sabe mais:
tem gente que tira caça
do laço que você faz.

Ela é de autor des-
conhecido, sabia?



Mandingo

Richard Fleicher, des-
vez, foi tão pretencioso,
que com o seu Mandigo,
está pretendendo, para si,
o título de autor de "uma
nova edição do clássico "E
o vento levou".

Contudo, essa adapta-
ção de novela de Kyle On-
stott, é só mais uma, entre
outras tantas, aventuras sulis-
tas. Não tem, de forma algu-
ma, aqueles elementos ess-
enciais que caracterizam as
grandes epopéias. Muito pelo
contrário, o assassinato, o es-
cândalo, e, até mesmo um
caso de incesto, são os "in-
gredientes" usados por Fleis-
cher, para pretender, com o
macabro, colocar esse seu
Mandingo entre os êxitos
produzidos em 80 anos de
história do cinema.

Da obra de Kyle On-
stott ele aproveitou muito
pouco: o começo e o final.
Quanto ao meio ele recheou
como bem quis a sua moda,
ou seja, com ingredientes
que nada têm a ver. Tudo is-
so, com o endosso do pro-
dutor Dino Di Laurentis...

Acrescentando assassi-
natos, sangue, sadismo, es-
cândalo, estupros e outras
escabrosidades ao livro de

Kyle Onstott, tudo que
consegue é um espetá-
culo deprimente e odioso.

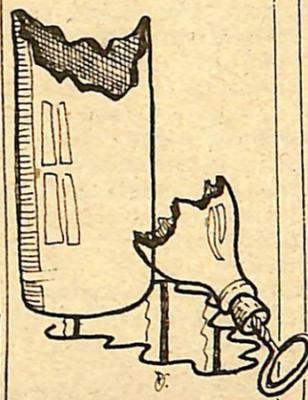
A novela de Kyle
Onstott focaliza, principal-
mente, o problema da escr-
vatura, e foi escrita para ser-
vir de denúncia à humilhação
do negro numa época em
que só o homem branco pre-
valecia. Contudo, a respeito
da passividade dos escravos
que naquela época não es-
boçavam o menor protesto,
o diretor não diz nada, man-
tendo-se num mutismo só
comparável ao dos próprios
escravos. Dessa forma, o mo-
vimento de libertação da es-
crvatura da época, não apa-
rece no filme de Fleicher.

Mandingo, além de ma-
cante, é lento, macabro e
repleto de tantos infortú-
nios que chega a ser cansa-
tivo.

Além disso, James
Mason, Perry King, Susan
George, Richard Ward e
Brenda Sylker têm sua inter-
pretação arrastada, portan-
do-se como mortos.

Mandingo está no cine
Olido, em São Paulo, para
você conferir.

DÉCIO



Escritório de Advocacia

dr. ademercio
lourenção.
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

RUA SIQUEIRA DE
MORAIS 570 1º ANDAR
C. F. CIDIO MARJUI

GRAND
PRIX
MECANICA
OPALA E CHEVETTE
R. BANDEIRANTES 157 - FONE. 6-8456

CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8 andar - conjunto 801 C

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
RUA RÍO. 523 - FONE 6-3795

LEIA
JORNAL DE 2ª

Do Guido RESTAURANTE Wyskeria

Carnes "Santa Gertrudes"
Chopp-Claro e Escuro

Aguarda a sua visita
Rosario, 670 - fone 4-3201

RELOGIOS DE PONTO

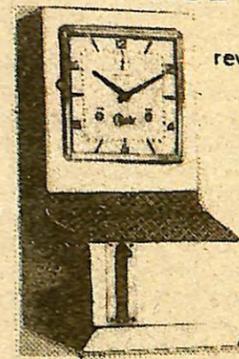
ROD-BEL

revendedor autorizado
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231



Distante fraternidade

Muitos jundienses devem saber que Jundiá tem uma cidade irmã, aqui nos EUA. É Trenton, no Estado de New Jersey, a 70 quilômetros de Nova York. Tem um porto, 304 mil habitantes, fica numa altitude aproximada de dez metros e tem um prefeito sem partido chamado Arthur Holland. O que me leva a perguntar: Irmã no que?

Na verdade, as diferenças são tão dramáticas que eu não consigo ver qualquer relacionamento entre as cidades. Elas vivem sob diferentes formas de governo, de legislação, de justiça, de padrões econômicos, de direitos humanos, de trabalho, de transporte, de política, que as tornam absolutamente incomparáveis. A não ser para o Lions, Rotary, Clube Soroptimista ou do Lady. Um deles certamente inventou essa história de cidade irmã.

Mas eu fico imaginando, então, se um prefeito de Jundiá fosse prefeito justamente em Trenton, conservando, é claro, seus maneirismos administrativos.

Teria sido eleito por uma maioria quase esmagadora de cidadãos norte-americanos, graças a uma plataforma eleitoral sustentada por promessas como: 1) novo sistema viário cuja principal parte seria a construção de uma rodovia de oito pistas ligando Trenton diretamente a Nova York; 2) construção de uma estação rodoviária para completar a construção da rodovia; 3) melhorias no sistema de bem estar social incluindo a construção de novos hospitais; 4) farta distribuição de garrafinhas de Chivas Regal.

Para cumprir suas promessas, o prefeito teria de trabalhar rápido. Em seus quatro anos de manda-

to, talvez não tivesse tempo de cumprir todas. Com exceção da última, cuja matéria prima poderia ser fornecida em poucos dias pela destilaria Seagram's.

Mas como construir uma rodovia de oito pistas para Nova York? Em primeiro lugar, seria preciso desapropriar muita coisa: uma granja de Nelson Rockefeller, uma casa de campo de Ted Kennedy e um monumento a Cristóvão Colombo ficavam no caminho. Bem, a estrada podia contornar tudo isso. Mas seria preciso, de qualquer maneira, desapropriar outras coisas.

Conseguiria o prefeito chegar a tanto? Em primeiro lugar, a associação dos granjeiros de New Jersey perguntaria: e o que faremos com a estrada velha? O governo federal perguntaria: de onde o sr. vai tirar o dinheiro para a obra? Os bancos perguntariam: o sr. acha que emprestaremos a um município que passará as próximas administrações endividado? Os vereadores perguntariam: e depois de onde o sr. tira o dinheiro para cumprir suas promessas sobre o bem estar social? O secretário dos transportes perguntaria para que o Trenton precisa de uma estrada de oito pistas para Nova York se ainda não existem problemas de tráfego com a velha?

Viriam, depois, perguntas da Associação dos Protetores do Meio Ambiente, do Departamento do Tesouro, da Agência de Proteção ao Consumidor, da Prefeitura de Nova York, da Liga de Defesa feminina, da Associação dos Escoteiros da América e da Alfândega (pois ele não precisaria importar asfalto?). Tantas que o prefeito certamente não conseguiria responder. E provavelmente teria desistido de sua estrada de oito pistas.



Mas suas outras promessas ainda estariam de pé. Com o dinheiro disponível, iria fazer a rodoviária. Grande. Gigantesca. Monstruosa. No primeiro dia de obras, duas seqüias seriam derrubadas. No dia seguinte, ele receberia um telegrama urgentíssimo, "Top Secret", da Agência de Proteção do Meio Ambiente, informando-o do seguinte: "As seqüias derrubadas, se o sr. esquece, testemunharam várias das batalhas da independência stop. Tendo em vista que neste ano de 1976 a Nação comemora o bicentenário do evento, o Governo Federal está inclinado a encarar o ato como dilapidação de patrimônio histórico stop. Comunicamos que V.Sa. corre, agora, o risco de ver sua administração processada de acordo com o que prevê a Justiça dos Estados Unidos da América stop".

No mesmo dia, o prefeito convocaria uma reunião com técnicos em adesivos, enviados de Minnesota pela Dupont, para ouvir deles o veredito final: foi feito, está feito; não sabemos como colar troncos de seqüias.

Enquanto durasse a reunião, desfilariam à frente da Prefeitura, segurando cartazes de protesto, a Associação Protetora das Árvores, a American Geographic Society, a Associação dos Escoteiros, a Associação Protetora dos Pássaros de New Jersey e uma equipe de coelhinhas do Playboy, enviadas de Chicago por Hugh Hefner sob o comando de Betty Friedan, para servir coquetéis de suco de tomate aos manifestantes.

Diante das circunstâncias, o Prefeito seria forçado a desistir também da rodoviária.

Sobrava o bem estar social, lembram? Hospi-

tais, etc. Com seus atos tolhidos, o prefeito precisaria mostrar, de imediato, um bom resultado de sua administração. Mas como conseguir um hospital do dia para a noite? "Desapropriar, meu caro" - sugeriu um assessor.

Sim, desapropriar. Por que não? Amanhã o povo teria seu novo hospital. Novinho. Ainda nem fora inaugurado. Os médicos, os donos, que fossem procurar seus direitos. Afinal, era para o bem do povo.

Dia seguinte ao da desapropriação: os médicos apresentam à Justiça um processo contra a desapropriação. O juiz de planta liga para Washington, pra consultar o Departamento de Justiça e informa: "não pode desapropriar. É inconstitucional. Tais atos, em nosso país, tornam-se uma ameaça à livre empresa, instituição que subemos honrar nestes 200 anos de independência."

Imediatamente, os médicos abriam outro processo, exigindo indenização da Prefeitura por perdas e danos morais e materiais, lucros cessantes, correção monetária, ativos, passivos e reflexivos. E a Prefeitura, mesmo apelando à Suprema Corte, seria obrigada a pagar.

Sobrava, ao prefeito, a última promessa. Todos, certamente, ficariam felizes. Telefonaria para o dono da Seagram's no elegante subúrbio novaiorquino de Westchester County; o mordono, pelo telefone, diria:

-Ele saiu, está em Kingston e pediu para não ser incomodado por políticos durante os próximos dois anos.

Paulo Brito
(De Nova Iorque)

Era uma vez...

Era uma vez, Erazê, um homem cheio de dores. Advinhas de um parto. Ele, cataleptico, sentou-se a escrever, e meditando, fugiram-lhe os verbos. As conjunções malignas por exceção, lhes provocavam náuseas. Os adjetivos cansados, tinham ido, há dias, em turnê com velhas rimas, em visita à uma digna língua morta. E dele só lhe escapavam advérbios. Os artigos, gêneros e números de primeira necessidade, doutra parte, foram todos degradados. Desgraçadamente, a pena, de cáustica esperança, ocupava-lhe a mão com justeza. Mas, naquele instante, foralhe comutada, como se diz, em pleno juízo. E ele deixou-a cair com firmeza.

Assumiu posição mais erecta e abandonou-se a dar longos passeios pelo seus aposentos. Seus passos cortavam o pequeno espaço do quarto. A cama, a cadeira, o quadro abstrato da parede, cabiam todos num canto do espelho. Ao lado do lavatório, ele então dirigiu-se ao seu criado-mudo. Nunca é demais tentar mais uma vez. Aquilo era toda sua companhia. Tinha alguns valores pendentes, é claro mas ocultos em algum móvel, objetos diretamente ligados ao seu dia-a-dia. Outros objetos estes indiretos, ele ia agora mexer, quando quis abrir a gaveta de cima da cômoda. Em cima dela, um barbeador, um pente, duas cartas fechadas, com timbre nítido sobre selo do exterior, uma escova gasta de roupas, uma fotografia antiga num porta-retrato, Homem ou mulher, quem diria?

Voltou à janela. O sol, como sempre, se punha. Regulou o aquecedor e ali do lado, achou a chave, pequena. Com ela abriu a gaveta e embaixo de algumas camisas, estas de mal-traçadas-linhas,

encontrou o que queria. Era um corcunda de ouro, espécie de amuleto, pênulo de peçoço, este sim, de alguma bailarina.

Quando quis melhor olhar o objeto, este escapou-lhe das mãos e caiu numa pequena fenda do assoalho e ali desapareceu. Seus sapatos eram enormes e cobriam toda a pouca luz que ainda existia e que poderia servir ao corcunda de foco. E ele queria ser visto, horrendo mas imóvel e que seria útil, para ser dado como perdido.

Uma luz no forro fora acesa e aquele pé de lá não se arreudou. Agora por ali passava uma barriga, presa à um cintão, agora uma barguilha, umas magras pernas cobertas com certa casemira. Umas meias de algodão, de novo os pés e enfim uma pequena réstia de luz, ao canto da fresta, que só fazia iluminar a poeira e um enorme paliço de fósforos usado. A cera ressecada cobria-lhe as pernas douradas e com mais um movimento teria seu brilho soterrado. A luz foi apagada e ouviu-se um ranger de molas da cama. Por baixo da porta um fim de corredor e um discreto ruído de festas.

O caminho que liga a Praça Don José Gaspar à rua Libero Badaró se faz através do Viaduto do Chá, para quem anda. A chuva pode traçar novo caminho, pela Galeria Barão, a Rua Barão, o Mappin, alguns passos ao Viaduto, muita gente, o sinal aberto, o tráfego parado, o número 94 da Libero Badaró às três e meia da tarde. Como vai, seu Mathias? Sobrou alguma coisa da demolição?

Eduardo
(Janeiro de 1976)

PALAVRAS...

"Em entrevistas gravadas, nós falamos muita coisa que não se deve falar. Vocês têm mania de induzir-nos a dizermos (sic) certas coisas sem perceber. Não, eu não entro nessa, não". (Vereador Edmar Correia Dias, da Arena, Jornal da Cidade de 18/1).

"O deputado Nabi Abi Chedid foi traído como o Cristo pelos homens que se comprometeram a suflagar (sic) o seu nome nas eleições do próximo dia 26 e que acabaram ficando ao lado do rancor e do ódio, entre os componentes (muito inexpressivos e que nunca fizeram nada pelo futebol de São Paulo) do grupo dos 13". (Antônio Gusman, Diário de São Paulo de 19/1)

"Não faço tramos com a notícia. Não preciso disso, pois, por formação, sou um homem de quem não se pode fazer crítica sob o aspecto de minha lealdade e honestidade de propósitos. A não ser por má fé, por inveja, por cachorrada, alguém pode insinuar algo contra a minha pessoa". (Antônio Gusman, Diário de São Paulo de 22/1)

"Onde está a juda para a comunidade? Onde estão as melhorias do município? Falaram do asfaltamento da cidade, mas a Prefeitura não tem nada a ver com os trabalhos pois a companhia responsável pelos trabalhos é particular. Onde estão os defensores do povo?" (Vereador Vanquilha Estácio Leite, Jornal "A Voz de Gurupi" (Goiás)

"As críticas formuladas a esta administração municipal distanciam-se da realidade dos acontecimentos, intimamente ligados aos trabalhos que este Executivo procura imprimir, visando à conclusão daquele importante logradouro público". (Prefeito Alberto Diniz, Jornal Folha de Bragança)

"Não adianta fazer a casa no brejo. Não podemos sonhar para não acontecer o que houve, quando só tínhamos dívidas, uma imagem triste e sem crédito até para comprar um prego". (Wanderley Pires, presidente do Paulista F.C., Jornal de 2a. semana de 26/1 a 1/2)

"De cada cinco americanos que morrem atualmente, um é vítima de câncer". (Samuel S. Epstein, médico)

"Não deveria ser nenhuma surpresa o fato de os alimentos que comemos causarem câncer. Desde o Gênes sabemos que as coisas boas nos fazem mal. Não foi uma maçã e responsável pela nossa mortalidade?" (Alan Meisel, professor de Psiquiatria da Universidade de Pittsburgh, EUA)

"Um lembrete aos menos avisados: não estacionem seus carros em estradadas afastadas, e quando procurarem tais locais, nunca deixem o interior dos veículos, pois assim estarão mais seguros e com chance de uma fuga na hora do assalto". (Don Casmurro, Jornal da Cidade, a propósito de assaltos a casais de namorados "que procuram locais ermos para seus colóquios amorosos")

"Para não dizer que não reclamei de nada, vou falar de uma coisa que não gostei: os sanitários. Em uma prova de Fórmula-1 não é justo que você tenha de esperar meia hora em uma fila para ir ao banheiro". (Daniele Audetto, chefe da equipe da Ferrari)

"O homem é um poluidor nato e violento". (Espiridão Barbalhosa, JJ de 23/1)

"Devemos ter em mente, no desempenho de nossa competência, que integramos essa administração em seu escalão mais alto e, porque a integramos, não podemos estar em oposição a ele". (ministro Ewald Pinheiro, a respeito da ação do Tribunal de Contas da União. "O Estado de São Paulo", 27/1/76).

"O juiz João Spocanicz decretou, sexta-feira, a prisão preventiva do prefeito de Laguna (SC), Francisco de Assis Soares, da Arena, sob a acusação de apropriação de rendas municipais, juntamente com os funcionários Hyldenburg Moreira e João Medeiros Silva. "O Estado de S. Paulo", 27/1/76)

A falta de promoções para dinamizar o esporte



Entra ano, sai ano e Jundiaí não dá sinais de progresso no esporte amador. Por falta de planos é que não pode ser. Referimo-nos às iniciativas que poderiam ser tomadas, visando a uma boa participação de Jundiaí nas competições com outras cidades - Jogos Regionais e Jogos Abertos.

Há várias modalidades que praticamente "morrem", caso do ciclismo, que, bem ou mal, sempre participava da tradicional prova "Nove de Julho". Bem que a CCE poderia promover competições nos bairros, procurando descobrir gente nova para essa modalidade. Um campeonato de ciclismo, com provas em bairros diferentes a cada domingo, deveria atrair muita gente. É claro que teria de

ser um campeonato aberto, tornando possível, assim, a participação pura e simples de quem tiver bicicleta. Os próprios clubes de Jundiaí poderiam formar suas equipes.

O mesmo caso pode ser aplicado à nataçao: com tantas piscinas por aí, não temos um campeonato aberto, que também poderia ser disputado a cada domingo num determinado clube. Será que não apareceriam pelo menos umas duas ou três revelações? Quanto ao atletismo, não se pode reclamar: existe a prova "Duque de Caxias", disputada todos os anos, mas é preciso promover mais corridas, e sempre visando ao aproveitamento dos jovens frequentadores dos clubes de Jundiaí, ou mesmo de quem quiser participar, indepen-

dente de filiação a algum clube.

É um trabalho que não daria resultados imediatos mas que pelo menos daria a Jundiaí alguma força para conseguir melhor sorte nos Jogos Regionais e Abertos. Para isso, a CCE poderia contar com a ajuda da Faculdade de Educação Física, não só para o trabalho da organização no dia das provas como também para uma orientação aos que se interessarem em participar dessas competições. Assim, todas as demais modalidades poderiam ter um calendário mais voltado para os bairros, onde poderá estar a futura geração do nosso esporte.

Se a CCE não tem condições de promover com-

petições assim a partir de agora, que pelo menos ela possa ganhar condições para ajudar mais os clubes interessados.

Entendemos que agora é o momento ideal para ser posto em prática um plano de dinamização do esporte local por dois motivos: primeiro, por causa da presença de Carlos Alberto Lamonti na presidência da CCE; quem conhece Lamonti não duvida de sua capacidade de levar adiante qual quer plano arrojado; segundo, pela presença do professor Hélio Maffia na direção da Faculdade de Educação Física. Maffia, inclusive, já tentou pôr em prática um plano de dinamização da Comissão Central de Esportes, há algum tempo, mas não conseguiu. E agora?

TIRO LIVRE 2

1

Lembram-se do Rinaldo, ex-jogador do Palmeiras, que andou treinando no Paulista? Continua em atividade: acaba de acertar com a Francana, para disputar o Campeonato da Primeira Divisão. Aliás, a Francana está naquela de nostalgia, como o Paulista de há alguns anos: levou para lá também o lateral Dé, ex-Palmeiras, que andou por uma porção de times - o último foi o Cosmos de Nova York. Mais: o jornal "Diário de Franca"

diz também que 'Baldoqui ainda é uma esperança' (deve ser contratado), e que Brito (ex-seleção, Botafogo, Atlético Paranaense, Corinthians...) só não ficou "por receios de inadaptação ao futebol rude do nosso interior". Não há nada engraçado nisso tudo. Notícias como essas mostram a necessidade de uma reformulação nas leis de amparo ao atleta profissional. Sem um amparo, o jogador é obrigado a prolongar sua carreira, sacrificando-se por sua família.

O Flamento não parava mais de fazer gols na

seleção do Miguel Pereira, dias atrás, num amistoso. Quando o goleiro

levou o oitavo gol, o técnico deu uma bronca tremenda nele:

"Olha aí, rapaz, num deixa os home chutá, num deixa, atira nos pé deles!"

E o goleiro, nervoso, respondeu: "Atirá num resolve, prá num saí gor aqui, só se colocá a rede ao contrário!"

3

Os dois times cariocas, Diário, amigo". "Mas como? Diário? entraram em campo-Portuguesa Olha, todos os Darios e Bangu - e o locutor que conheço não Darios, porque de uma emissora-também carioca você tem esse nome foi entrevistar os diferente?". Aí, o jogador jogadores. "Estamos aqui ao respondeu: "Ah, é que lado do jogador Darfo..." meu pai resolveu por o O jogador corrigiu: "É acento no 'a'..."

Jogo 1 - São Paulo X Palmeiras - Não sei porque esse time continua a insistir, se poucas pessoas conhecem ecologia profundamente. Hoje em dia é a matança do verde em toda parte. No Brasil também. Além do mais São Paulo é um time que está sempre se convertendo. Coluna 1.

Jogo 2 - Santos X Corinthians - "Rosita", a bela atacante do time praiano, disse que só joga bola se a diretoria construir um boulevard na agremiação. Bateu o pé e tomou essa firma decisão. O time todo tá bobo de ver a briga. Mas o mosqueteiro Cesar (outravez) tá proibido de jogar. Coluna do meio.

Jogo 3 - São Bento XV de Novembro - Meus cálculos trigonométricos calculam que o técnico do XV vai sofrer um cálculo renal. Isso porque ele já não aguenta aquela turma que comanda. Mais uma vitória do santo. Coluna um.

Jogo 4 - Atlético Mineiro X Cruzeiro - É tudo de Minas. Jogador, bola, técnico, campo, torcida, gandula, juiz, bandeirinha. Até o ladrão é de Minas. O resultado, só pode ser de Minas; vai ser um resultado silencioso. 0 x 0. Coluna do meio.

Jogo 5 - América Mineiro X Caldense - Esse tal de américa, foi o 35.o time a ser fundado com esse nome no Brasil Meus cálculos não falham. Agora, o caldense é o 1.o. Ele ganha fácil. Coluna dois.

Jogo 6 - Bahia X Leonico - A turma do tamanco, lá em cima, já tá com a mão doendo de tanto torcer pro seu time. O Leonico, sempre que apareceu na loteria, perdeu. Mas este matemático acha que é certo seu próximo jogo, usando a teoria das convicções convergentes. Coluna dois.

Jogo 7 - Ceará X Ferroviário - Se o jogo fosse aqui na Fepasa ou Santos-Jundiaí, esse tal de ferroviário perdia de 800 pedradas a zero. Mas não pense que jogando com o Ceará sua situação vá melhorar. É Coluna um.

Jogo 8 - Vila Nova X Itumbiara - Segundo comentários de estudiosos no assunto (cinco amigos que estavam ontem no Bar do Zé) o Itumbiara tem 100 por cento de possibilidade de ganhar, se fizer mais gols que o Vila. São cálculos precisos, que não falham. Coluna dois.

Jogo 9 - Bagé X Alegrete - Enquanto que o goleiro do Bagé se vendeu para o atacante do Alegrete, o ponta-esquerda e o miolo de campo do Alegrete prometeram nada fazer se o beque central e o meia-direita do Bagé se sacrificassem e se machucassem, mas saindo de campo com o centroavante e o central, mais o "gol-guiper" do Alegrete. Mas isso só vai acontecer se o técnico do Alegrete jogar na retranca, como está pedindo o meia-esquerda e o beque direito do Bagé. Jogue triplo.

Jogo 10 - Bonsucesso X Bangu - Mesmo se chover no Rio, como minhas teorias estão prevendo, o Bangu é time que joga até debaixo d'água. Aliás só joga desse jeito mesmo Coluna dois.

Jogo 11 - Campo Grande X São Cristóvão - O onibus que faz a linha São Cristóvão-Campo Grande está com problemas de velhice, quase se aposentando. O barulho lá dentro é enorme, prejudicando sensivelmente a ida dos jogadores até o "rapadão" do primeiro time. Além do mais, do motorista e o cobrador são muito mal-educados. Coluna um.

Jogo 12 - Portuguesa X Madureira - Minha nossa. O Madureira já devia ter caído do galho há muitos meses. Ele tá é temporão, segundo meus números exatos. Mas os jogadores da Portuguesa vão jogar com os tamancos virados para baixo. Deve ser promessa. Coluna do meio.

Jogo 13 - Portuguesa de Desportos X Guarani - Aqui, a situação é de cautela. São os times mais imprevisíveis do mercado futebolístico, quase sempre surpreendendo minhas teorias. Mas eu tenho teorias extras que me ajudam a combater esse imprevisíveis. Gaste um pouco mais e jogue triplo. Essa minha teoria é ponto certo.

Armand de Jesus

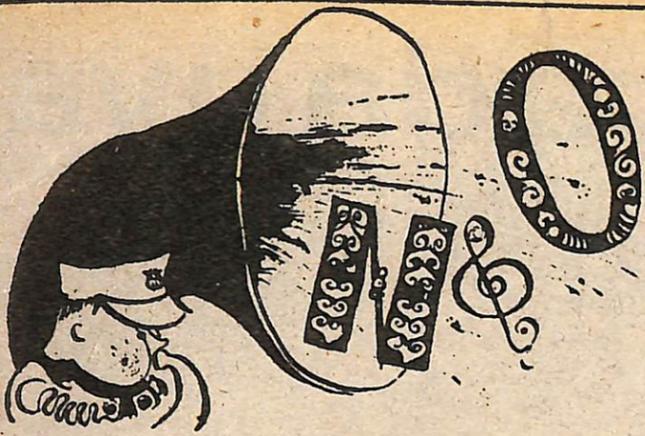
(Matemático)

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6.8460



NOVO CHEFE

A partir deste número, o jornalista Carlos Veiga passa a reponder pela função de Redator-Chefe do "Jornal de 2a."

Carlos Veiga, "fac totum" do extinto diário "O Jundiense", é um respeitado homem de imprensa que, temos certeza, contribuirá para o aumento do nosso prestígio.

VÉ SE APRENDE

Estivemos, segunda-feira, última, na loja de discos do Copelli, onde pedimos para fotografar algumas capas de LP.

Contudo, o Paulo Copelli, seu proprietário, recebeu-nos péssimamente, e, num flagrante desrespeito à Imprensa e aos mínimos princípios de educação, recusou-se sob a alegação de que o "Jornal de 2a." tem falado mal da gravadora Marcos Pereira".

Pior que a gravadora Marcos Pereira, só a sua educação, Paulo Copelli. (C.F.)

CENSURA DINÂMICA

O "Pasquim" da última semana faz um balanço da censura no ano que passou.

São duas páginas inteirinhas de dados e cifras, francamente, não enchem de orgulho a nenhuma tribo neozelandesa.

Resta o consolo da "paz pra trabalhar". (E.M.)

A CARIOCA

No mês passado, a Polícia carioca encontrou mais de 30 corpos crivados de balas, com marcas de torturas. Oficialmente, foram vítimas de "brigas entre quadrilhas, por causa de tóxicos". Nos bastidores, foi o **Esquadrão da Morte**. É, a coisa tão como o diabo gosta.

JK, INCOMPLETO

Quem não leu, leia. Está nas bancas o último número de **Status**, com uma excelente entrevista do ex-presidente Juscelino Kubitschek ao jornalista Kleber de Almeida. A entrevista inteira estava melhor ainda. Pena que, por motivos não exatamente tipográficos, **Status** não tenha podido publicá-la na íntegra. (S.V.)

FRANKENSTEIN: POR ACASO?

Inadvertidamente, por engano talvez, os exibidores de cinema de Jundiá, contrariando seus arraigados hábitos, nos brindaram na semana com "O Jovem Frankenstein", a sensacional comédia de Mel Brooks. A fita deve ter vindo perdida, num lote de outras dezenas de abacaxis, como se fosse um filminho de terror, de segunda classe. Azar de quem per-

deu o filme. Quem sabe se agora eles não compram "Banzé no Oeste", do mesmo Mel Brooks, pensando que é um foraestezinho de segunda? De engano em engano poderemos ir, lentamente, enriquecendo nossa cultura cinematográfica. Não custa nada confundir "Perfume de Mulher" com uma pornochanchada, ou "Chinatown" com um filme de kung fu, por exemplo. (S.V.)

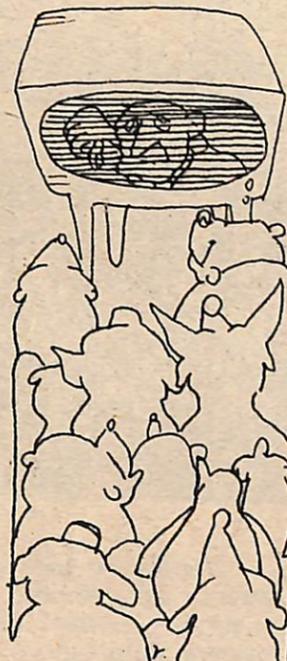
VERDADEIRO BRILHANTE

Olha aí: pegue seu carrinho, ou então um ônibus, vá para São Paulo, procure o Teatro Bandeirantes, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, pague sua entrada, e veja **Falso Brilhante**, o show da Elis Regina. Tudo muito bom, tudo muito profissional. E a moça está numa forma exuberante. Castigo para quem não for: ouvir Benito de Paula três vezes ao dia, antes e depois das refeições. (S.V.)

MUITA GENTE, POUCA TV.

Como todos os anos, os críticos empenharam-se na escolha dos melhores da TV em 75. Só que agora o pessoal da Globo não teve tantos prêmios como nos anos anteriores: desta vez escolheram Rolando Boldrim como o melhor ator e Irene Ravache a melhor atriz; e Eva Wilma teve um prêmio especial. Continuam cometendo uma injustiça: para mim, o melhor da tevê em 75 foi o Lívio Tagliacarne. Ele tem uma oficina especializada na Zacarias de Góes. (A.F.)

O NOVO PLANETA DA GLOBO



Tinha que acontecer: a Globo está preparando para março o lançamento de "O Planeta dos Homens", naturalmente uma sátira ao "Planeta dos Macacos". As gravações começam esta semana.

Vai ser, fácil, fácil, um campeão de audiência nos zoológicos de todo o País. (A.F.)

Pufs!

Phoenix foi a única fantasia, categoria luxo, premiada numa 4a. feira de Cinzas.

Alexandre Dumas foi um russo que se tornou famoso por sua virilidade.

Bartolomeu de Gusmão inventou o balão chapéu-de-padre.

Mastim é uma reunião festiva à qual só comparecem cachorros.

Corso é o nome que se dá fila de psicopatas que pensam ser Napoleão.

Sodomia é um tipo de moléstia capaz de destruir duas cidades inteirinhas.

Rufião é um bumbo enorme, usado para despertar mulheres de sono muito pesado.

Buonarotti é uma expressão com a qual os escultores italianos se saudavam, na Idade Média.

Torpor é o mau-cheiro proveniente das axilas dos seresteiros.

Equino é um triângulo cujos lados se parecem com cavalos absolutamente iguais.

Módulos são gotículas de sangue explidas pelo organismo feminino.

Lúbrico é um tipo de purgante que pode matar, se ingerido em larga escala.

Francisco de Assis morreu como um passarinho.

Náuseas são pequenas embarcações que se agitam muito quando em alto mar.

Semântica foi a única princesa egípcia que jamais ocupou o assento imperial.

Marasmo é uma doença que ataca os brônquios dos marinheiros.

Holmes é um pequeno cachimbo fumado pelos professores ingleses da Elementary Schools.

Zarcão é um tipo de café moçambicano que tem a cor de ferrugem.

Zarteu



HORÓSCOPO

ÁRIES (21/3 a 20/4)

Sem documento você está à mercê do lobo. Pra tirar documento você tem que encarar uma fila. Carneiro é fogo, bicho.

TOURO (21/4 a 20/5)

Período nefasto. Vai ser autorizado aumento da tua atraente carne: 20%. Isso tira mais 20% das chances de seres saboreado pelo povinho.

GÊMEOS (21/5 a 20/6)

Se continuarem a agir assim, sempre juntos, vão confundir vocês com certa pessoa e certo secretário. Saúde pra vocês.

CÂNCER 21/6 a 21/7)

Em Irecê, onde estão chamando urubu de meu louro, você será bem-vindo. Antes da chuva, é claro.

LEÃO 22/7 a 22/8)

Vista-se de cordeiro. Ou corte as cordas vocais. Ou simplesmente saia do MDB. Aí, tudo bem, bichano.

VIRGEM 23/8 a 22/9)

Ligue para a Andrade Gutierrez: desmatamento é com eles mesmo. Confira o troco,

BALANÇA 23/9 a 22/10)

Evite balançar na 23 de Maio, que o asfalto, lá, está igual o nosso orçamento: rachando.

ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)

Grandes mudanças na sua vida. Mudança para a Rua Barão, onde se fará a maior obra de reloreastamento da nossa história. Boulevard-se.

SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)

Seu caráter é voluntarioso. Sua teimosia atinge às ráias do absurdo. Tente a sucessão municipal.

CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1)

Evite dar cabeçadas. Peça prorrogação da sessão, negocie, beba refrigerantes. Depois, basta dizer "Amém".

AQUÁRIO 21/1 a 19/2)

Se a água estiver preta, faça bolhas brancas. Se estiver branca faça bolhas marron. Eu disse bolhas, nada de bolas, hein?

PEIXES 20/2 a 19/3)

Rio Jundiá já não dá. Rio Caxambu está cada vez pior. Passe por aqui e a gente arranja um vidrinho com água procê. Que o DAE não nos ouça.

Profa. Zuleika

Patinha's Bar
Esquina da Torres Neves com Prudente
Aberto até duas da manhã - Fone: 4-0662

Floricultura Galeria
Flores Naturais-Jardinagem
Galeria Bocchino, loja 10

Foto Luiz
Rua São José, 22

Casa das Frutas Albino
Entregas a domicílio - Fone: 6-1652
Rua Senador Fonseca, 1059

Foto Gelli
Rua do Rosário, 334
Fone, 4-2253

Tapeçaria Brasil
Rua Torres Neves, 224

Comércio de Couros
e artigos para sapateiros
Rua Torres Neves, 338 -

Tabacaria e Artigos
de Umbanda São Geraldo
Rua Senador Fonseca, 1059

Lojas Excelsior
Rua do Rosário, 362
Fones: 6-2260 e 4-1404

Young's Shopping
Rua Torres Neves, 264

Livraria Anhanguera
Artigos escolares
Rua do Rosário, 421
Fones: 4-2728 e 6-3921

Rei dos Cartões
Rua Torres Neves, 514
Fone, 6-7720

Máquinas de escrever usadas
Claudio vende, troca e financia
Rua Prudente de Moraes, 806

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 126
Fone, 6-1541

João Augusto Siqueira Pupo
Consultor Jurídico
Praça Gov. Pedro de Toledo, 24
Conjunto 22-23 Fone: 4-2340

Os bons imóveis estão aqui

Casas à venda

Assobradada - Rua Bela Vista
Muito bem conservada, contendo abrigo p/ carro grande, cozinha com armário embutido, 2 dormitórios grandes, dependências de empregada, quintal. Cr\$ 270.000,00 à vista. Quem oferece é **Recreolar**.

Vianelo
Contendo 3 dormitórios, todos com armários embutidos, 2 banheiros completos, sala, copa, cozinha, garagem. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Vila Liberdade - Cr\$ 560.000,00
Estilo colonial, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suíte), sala em "L", copa-cozinha com armário embutido, WC com lavabo, dependência de empregada completa, abrigo para 2 carros, lavanderia, jardim. Pode ser financiada. (C-12). Oferta: **Scarance e Souza**.

Avenida Dr. Cavalcanti
Ótimo ponto, contendo jardim, abrigo, sala, 2 dormitórios, cozinha, banheiro, despejo e quintal. Cr\$ 320.000,00 à vista. A oferta é de **Recreolar**.

Anhangabaú - Cr\$ 450.000,00
Casa nova, com 3 dormitórios (1 suíte), sala grande, copa-cozinha, WC, lavanderia, abrigo para 2 carros, terraço. Pode ser financiada. (C-4). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Casas e Apartamentos para alugar

Vianelo
Residência contendo 3 dormitórios com armários embutidos, 2 banheiros, completos, sala, copa, cozinha e garagem. Oferta: **A.G. Imóveis**

Apartamento para alugar
Dois apartamentos, no Centro, com 2 e 3 dormitórios e todas as dependências. Um dos apartamentos com garagem. Boa oferta de **A.G. Imóveis**.

VILA PROGRESSO

Cr\$ 450.000,00

C/3 dormitórios, (1 suíte), sala em "L", copa-cozinha, 2 W.C., dependência de empregada, lavanderia, abrigo jardim, totalmente isolada. (C-3). **Scarance e Souza** oferecem

VILA ANGÉLICA

Cr\$ 400.000,00

C/3 dormitórios c/ armários embutidos, sala grande, copa/cozinha, W.C., dependência de empregada, abrigo para 2 carros, jardim, + telefone. (C-7). Oferta: **Scarance e Souza**.

Jardim Cica - Cr\$ 480.000,00
3 dormitórios com armários embutidos, sala grande, cozinha, WC, dependência de empregada e garagem. (C-9). Outra oferta **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana
Fina residência, com 3 dormitórios, com armários embutidos, e demais dependências. Quem oferece é **A.G. Imóveis**

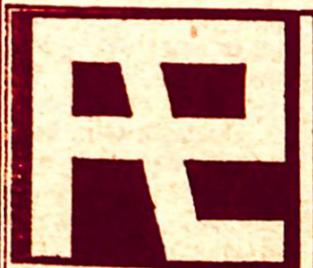
Jardim Páteo do Colégio
Próxima à Chácara Urbana, contendo 3 dormitórios, 2 salas, 2 banheiros e demais dependências. Uma boa oferta **A.G. Imóveis**.

ANHANGABAÚ

Cr\$ 6.500,00
Finíssima residência, c/ 320 m2, c/ 3 dormitórios, (1 suíte), e demais dependências, c/ telefone. Oferta: **Scarance e Souza**.

Áreas Industriais à venda
Várias áreas a partir de 3.500 m2, no Distrito Industrial. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Os bons corretores estão aqui



Recreolar
Imóveis e Administração
Av. Jundiaí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

SCARANCE & SOUZA

Imobiliária e Administração
Rua Vigário, 174
Fones 4.1108-6.6136



Rua Senador Fonseca, 1.303
Fone 6.7638

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

Feitos e Factos

Sem falsas modéstias acredito que poderei despertar no leitor amigo o interesse por esta coluna, que me proponho construir periodicamente para este interessante semanário, que muito me honra em me receber, coluna essa que aceitará sempre de bom grado a possibilidade de diálogo franco e aberto sobre qualquer tema proposto. Tenho em idéia, como forasteiro que ainda sou, e serei, levar a conhecer o "impacto" que a cidade e as redondezas de Jundiaí causaram em mim, e continuarão causando, apresentando as minhas impressões pessoais sobre aquilo que, de tudo que constitui essa cidade, vem vindo a se me fazer notado.

Sendo português de gema, nato na invicta cidade já há um bom par de anos, e tendo andado por África cerca de 5 anos, contarei também, de vez em quando, episódios que por lá tenha presenciado, levantando possíveis analogias, e levando conhecimentos da vida atual, nesta terra tão cheia de vivência, no dia a dia que passa.

Encontro-me no Brasil há pouco tempo e passados estes 8 meses sinto-me empurrado a integrar-me na sociedade diferente, no fundo bem igual, que por estas bandas vou encontrar, Sem muitas delongas e resumindo: sinto a história de nossos antepassados, tentando a melhor e mais rápida adaptação possível ao novo meio ambiente da terra que descobriram (!) atravessado que foi o grande mar.

Jundiaí! Cidade do Estado de São Paulo! Ao lado da via Anhanguera. Entrei, Aparência de burgo trabalhador. Ricos e pobres. Abundância e o nada. Contrastes, flagrantes como existem em todos os lados. Cidade rodeada de campo bem recheado de vinha boa. Bons ares também, ainda não contaminados. E passa o comboio. Saudando. Encontro-me num caminho que, da cidade vai dar ao Horto Florestal, e ao Bairro Corrupira. Existem chácaras bem grandes. Vi uma à venda. O filho dum lavrador passa por mim numa Brasília branca, bem boa, levantando atrás de si aquela nuvem de poeira. Vai para a cidade. Estudiar. "Paquerar". Gozar os seus 20 anos. O caminho fica silencioso novamente. Aí vem um ciclista. É o senhor lavrador, pai do rapaz que passara há pouco, que na sua velha bicicleta, e com os seus já bastan-

te invernos, ainda não muitos, vai indo bem devagar, não sei para onde, trabalhar com certeza. Passa por mim cumprimentando-me afavelmente tirando o chapéu de palha. No seu rosto vejo franqueza, honestidade e experiência da vida. Lá mais adiante, vejo-o desmontar pois a subida é demais para as suas pernas.

Aparece a ponte. Muito movimento naquele viaduto, da estrada que vai para Campinas. Eu passo por baixo dela e fico-me no cruzamento onde espero "carona" de antemão combinada. Aparece-me um cão magricela, que me ladra com um tom esganiçado, não de cão de raça. Como é cedo ainda fico observando as redondezas. E reparo então: debaixo da ponte, ao lado das linhas do comboio, há uma construção de madeira bem esquisita! Transporto-me à África, onde negros viviam também em construções assim, apenas com os tetos de campim a se diferenciaram desta que estou vendo agora. São moradias modestas e miseráveis. Lá parecem duas crianças. E a mãe, provavelmente, surge atrás. De longe olham para mim inquisitivamente, Eu também os olho. As roupas, os cabelos, os olhos, a magreza dão-me a entender o desalento de vida em que vivem. Deve ser bem duro viver assim. Aparece um automóvel. É um carrão, uma "banheira" como lá chamamos em Portugal. O "chauffeur" usa farda azul e o chapéu tem pala bem lustrosa. No assento de trás um senhor de meia idade, de fato de corte impecável, com camisa e gravata das boas também. Passam por mim em velocidade de carro grande, isto é, lenta, o que mais faz ainda realçar o carro demora mais tempo a passar. Ao passar sobre a ponte, o senhor do assento de trás, olha em direção contrária a daquela construção tão esquisita e triste onde dois catraios e uma mulher continuam observando. São ignoradas estas vidas e estas visões. Poderia ter sido casual o desvio do olhar.

A nuvem de poeira desfaz-se lá ao longe e volta o silêncio agradável do campo. Eu saboreio estes ares saudáveis. Estou vivendo em Jundiaí. Dentro em pouco, de carona, vou entrar na cidade propriamente dita. (E.P.)

N.R. - O autor é português, a ortografia por ele utilizada é a de seu país. Mas preferimos usar a brasileira para facilitar a leitura, exceto no título (Feitos e Factos).

Quem pergunta quer saber

Sr. Gostaria de saber porque os proventos das viúvas e dos aposentados pela FEPASA, são pagos, invariavelmente, com nove ou dez dias de atraso, quando o dinheiro das folhas de

pagamento já se encontra no Banco no primeiro dia do mês.

Esse dinheiro, penso eu, fica rendendo juros.

E esses juros, no caso,

prá quem ficam?

Gostaria que V.S. me informasse.

Maria Aparecida Leandro Góis.

N.R. Sua carta, leitora, nos chegou à mão muito em cima da hora para que pudéssemos interpellar a Fepasa. Atenção, Fepasa: que tal responder. A página está à disposição.

Prêmio Amadeu Amaral

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, no uso das suas atribuições, resolvem, baixar o seguinte Regulamento para concessão do Prêmio Amadeu Amaral, destinado a comemorar o seu centenário de nascimento.

- 1) As monografias concorrentes devem versar sobre a contribuição de Amadeu Amaral aos estudos de folclore no Brasil.
- 2) Só serão considerados trabalhos inéditos e de estudo e interpretação, não divulgados por qualquer meio.
- 3) As monografias deverão apresentar um levantamento bio-bibliográfico mais amplo possível de

Amadeu Amaral, incluindo trabalhos publicados em jornais e revistas.

- 4) Os trabalhos devem ter um mínimo de 30 (trinta) folhas, tipo ofício, datilografadas a dois espaços, e vir assinado com pseudônimo. Em envelope separado e opaco, sobescrito apenas com o pseudônimo do concorrente e o título do trabalho, o autor ou autores se identificarão com os nomes verdadeiros e endereços.
- 5) Exigem-se três vias; em caso de ilustrações, desde que não façam parte integrante do texto, bastará 1 (uma) via de cada.
- 6) Os originais devem ser entregues à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rua do Cateto n.º 179 - Rio de Janeiro/RJ., até dia 30 de setembro de 1976.
- 7) Não poderão parti-

cipar do Concurso os membros do Conselho Nacional de Folclore.

- 8) Os trabalhos serão julgados por uma Comissão de 3 (três) membros, dois convidados pelo Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e 1 (um) pelo Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. A qualidade de membro da Comissão Julgadora é incompatível com a de concorrente.
- 9) A Comissão Julgadora terá inteira liberdade para emitir seu Parecer, indicando a monografia merecedora do Prêmio ou opinando pela não concessão do Prêmio.
- 10) A monografia classificada a Campanha conferirá o Prêmio único e indivisível, de Cr\$ 20.000,00

(vinte mil cruzeiros).

11) A monografia premiada será publicada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

12) Só será divulgado o nome do contemplado com o Prêmio. Os originais dos demais trabalhos concorrentes ficarão à disposição dos autores.

13) O Prêmio será entregue no dia 6 de novembro de 1976, aniversário de nascimento de Amadeu Amaral.

José E. Mindlin
Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo

Bráulio do Nascimento
Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro